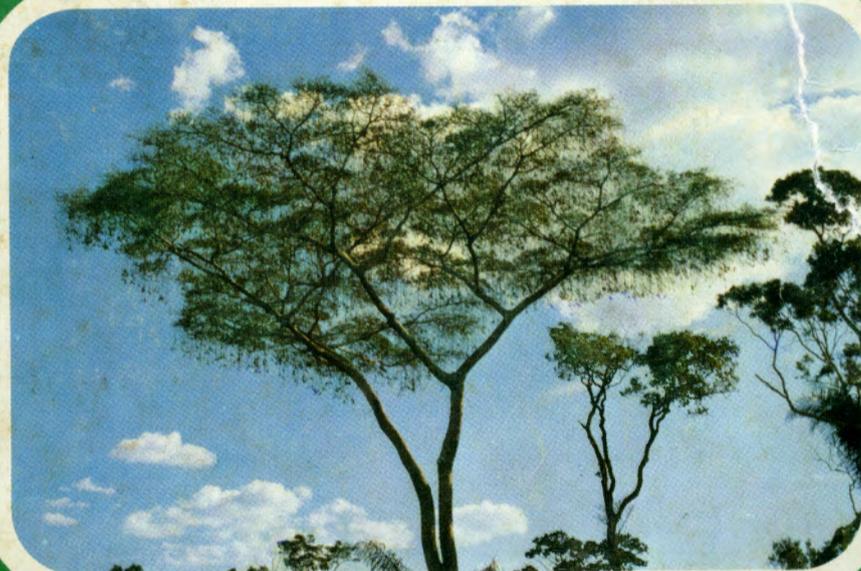


CARLOS TOLEDO RIZZINI

ÁRVORES E MADEIRAS DO BRASIL



81)

193/77

BGE

SUPREN

IBGE

Presidente: Isaac Kerstenetzky

Diretor-Geral: Eurico de Andrade Neves Borba

Diretor Técnico: Amaro da Costa Monteiro

Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente — SUPREN

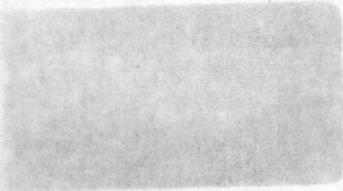
Superintendente: Wanderbilt Duarte de Barros

Sede: Avenida Franklin Roosevelt, 166 — 10.º andar — Telefone: 222-9911

SUPREN: Avenida General Justo, 275-B — Conj. 205/206 — Telefone: 242-5626

Rio de Janeiro, RJ

Capa: Faveiro — exemplar típico da flora brasileira



ÁRVORES E MADEIRAS DO BRASIL

IBGE BIBLIOTECA CENTRAL					
Reg.	Data	Aquisição			Permuta
		Compra	Doação		
193	10/02/77		X		
Clas.	Cutter				
630.24(81)	R 627 ^a CDU				
Preço	Obs.:				

630.24(81)
R 627^a
n. 6
CDU

GE-00001463-6

634.90981

R 627 Rizzini, Carlos Toledo

Arvores e Madeiras do Brasil

Rio de Janeiro, IBGE, SUPREN, 1977

86 p. (Série Paulo de Assis Ribeiro, 6)

1. Florestas — Brasil I Série. II Título

Secretaria de Planejamento da Presidência da República
Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SÉRIE PAULO DE ASSIS RIBEIRO, 6

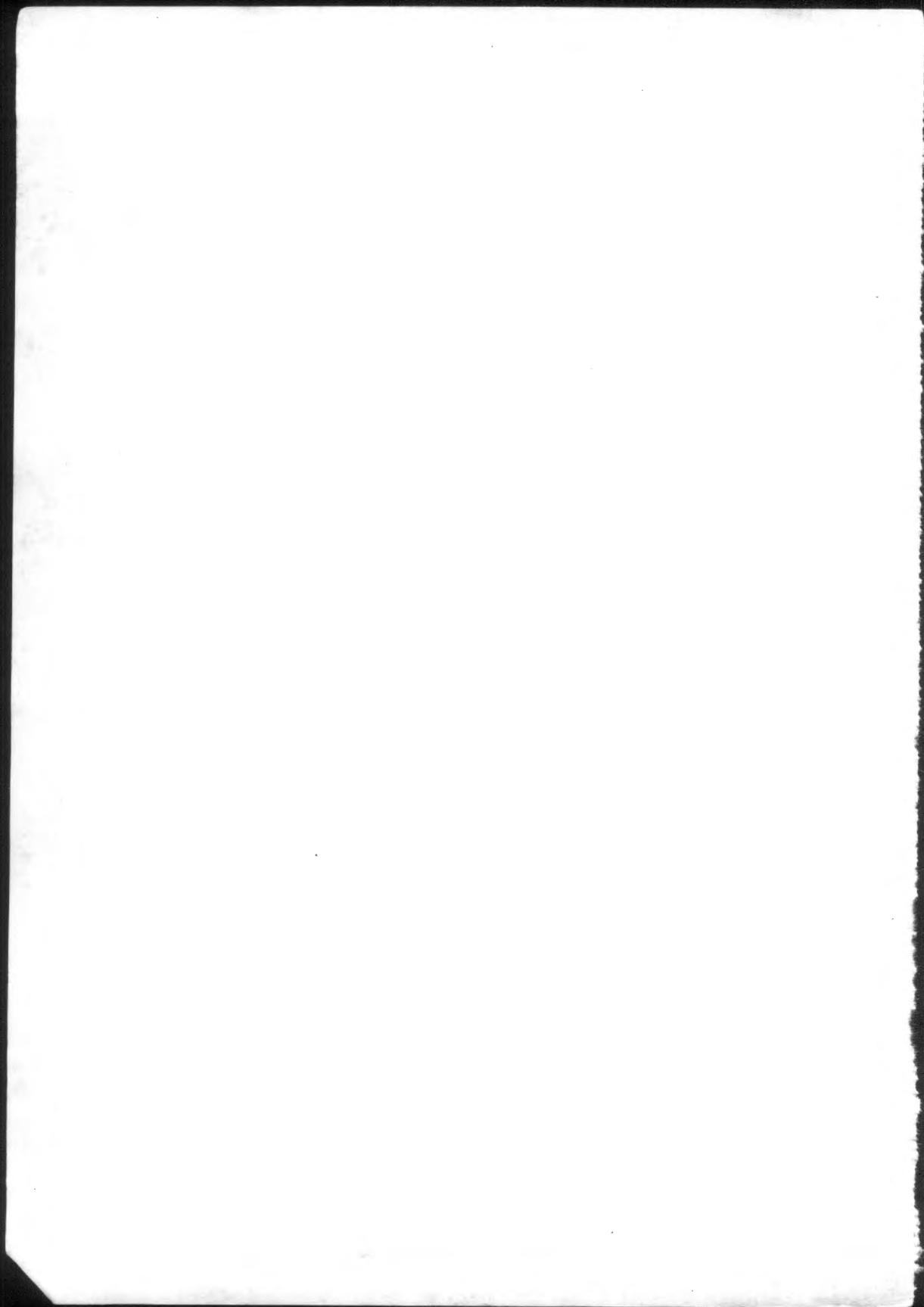
DIRETORIA TÉCNICA

ÁRVORES E MADEIRAS DO BRASIL

CÁRLOS TOLEDO RIZZINI

SUPERINTENDÊNCIA D RECURSOS NATURAIS E MEIO AMBIENTE
(SUPREN)

Rio de Janeiro — 1977



Esta série...

... recebe a denominação de Paulo de Assis Ribeiro como homenagem da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a um dos mais preocupados estudiosos dos diferentes aspectos — investigação, ensino, metodologia, legislação, divulgação, sistematização — inerentes aos recursos naturais e próprios do meio ambiente. Engenheiro, economista, educador, planejador, consultor, executor e diretor, Paulo de Assis Ribeiro foi o primeiro titular da Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente (SUPREN), Diretoria Técnica do IBGE, tendo tido pleno interesse na organização de um sistema de levantamento de dados e elaboração de informações quanto à ocorrência, distribuição e frequência dos bens essenciais, reconhecidos como renováveis uns, esgotáveis outros, e auto-renováveis tantos mais;

... tem o objetivo de promover a difusão de conhecimentos sobre recursos naturais e meio ambiente e, por conseqüência, abordar problemas decorrentes do mau uso daqueles e da condição administrativa destes;

... visa, ainda, a oferecer contribuições que atendam à demanda de uma classe da sociedade situada nos limites de formação pré-acadêmica, servindo contudo e também à faixa universitária;

... publicando estudos concisos e breves, claros e concretos, pretende cobrir eventuais deficiências editoriais, oferecendo, assim, trabalhos originais, reedições oportunas e traduções adequadas,

que concorram para a racionalização do pensamento e harmonização conceitual da conservação da natureza e de seus recursos;

... pretende preencher espaço específico na atividade cultural, com publicações que obedecam a um plano de produção de larga abrangência, variando quanto ao conteúdo em cada edição, da mesma forma que não obedecendo a rígido calendário;

... entretanto, não responde, em termos da filosofia da Instituição, atinentes aos conceitos, opiniões e conclusões expressadas pelos autores, responsáveis exclusivos quanto ao texto, muito embora os estudos editados integrem a linha de ação setorial a cargo da Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente da D.T. do IBGE, da qual podem não representar de forma rigorosa seus pontos de vista;

... constitui-se, afinal, em permanente mensagem refletindo a imagem de uma política de correlação da função humana com os bens da natureza e com os fatores conformantes do meio ambiente.

APRESENTAÇÃO

A presente publicação vem enriquecer uma já extensa bibliografia sobre árvores e madeiras do Brasil. Extensa, porém demandando sempre indispensável complementação que agregue novos conhecimentos quanto a esses recursos. Com efeito, Árvores e Madeiras do Brasil tem a virtude de atender ao aspecto, como contribuição que implementa, ampliando, portanto, o documentário representado por livros, monografias, opúsculos e outros, a respeito de elementos da flora dendrológica das grandes regiões de nossa terra.

O autor, cujo estudo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística inclui na Série Paulo de Assis Ribeiro, é membro da Academia Brasileira de Ciências e um dos mais lúcidos e brilhantes botânicos patricios. A participação de Carlos Rizzini nos trabalhos de pesquisa pura e de investigação aplicada no campo da Fitologia granjeou-lhe sólido renome. Sua presença no Jardim Botânico do Rio de Janeiro guarda consonância com a atividade eficiente, contínua, prolongada e honesta que seus antecessores Pacheco Leão, Kuhlmann e Ducke, dentre outros, desenvolveram contribuindo, dessa maneira, para solidificar o crédito daquela instituição especializada, cuja posição no quadro de entidades similares existentes no mundo é singular.

Professor e orientador, Carlos Rizzini é, também, botânico de vivência profissional. Há anos ele percorre os domínios naturais da pátria e se aprofunda no conhecimento orgânico-funcional,

na ecologia, portanto, dos cerrados. Garantiu-se assim de credibilidade, apurada pela publicação de algumas dezenas de artigos e de pelo menos três obras recentes. Aborda, nas três últimas, temas que, embora não propriamente novos, são, todavia, novidade no conteúdo, na forma, no estilo e nos conceitos. Assim, Árvores e madeiras úteis do Brasil — Manual de Dendrologia Brasileira; Botânica Econômica Brasileira e Tratado de Fitogeografia do Brasil, são de profundo valor pelo saber, singeleza e sobriedade científica neles demonstrados.

Este livro, na realidade um compêndio de Dendrologia, foi elaborado para ser acessível a quantos desejem obter, em termos sumários, informações sobre vegetais arbóreos do País. Afigura-se incontestemente a qualidade do assunto para pessoas de diferentes níveis culturais, que procurem saber a respeito de árvores e de seus produtos.

Rio de Janeiro, março de 1977.

WANDERBILT DUARTE DE BARROS
Superintendente

INTRODUÇÃO

Conforme é de conhecimento geral — e evidente pela extensão das florestas e riqueza da flora brasileiras — mostram-se numerosas as árvores nativas cuja madeira é aproveitável pelo homem. Seleccionamos, para esta apresentação, as mais conhecidas e importantes, deixando de lado muitas outras que talvez venham a merecer maior consideração no futuro. Até agora, corta-se, mas quase nada se planta; por isso, não poucas têm o seu uso limitado às regiões de ocorrência natural e assim mesmo já se tornam escassas.

Visto que são, em geral, conhecidas pelos nomes vernáculos e que mais fácil, segundo o espírito desta obra, é procurá-las por meio deles, deram-se como títulos as denominações comerciais mais empregadas. Para mais informações, ver Rizzini, *Árvores e madeiras úteis do Brasil; manual de dendrologia brasileira*, Edgard Blücher, São Paulo, 1971.

Quando a madeira tem mais de um nome de uso corrente, este também consta do título, deixando-se para o texto a sinonímia menos usual, bem assim a designação científica correspondente. A nomenclatura latina se restringe, no entanto, à espécie botânica, adotando-se a grafia portuguesa para indicar famílias e outros grupos taxionômicos.

A explanação engloba 97 madeiras, as quais correspondem a mais de 180 espécies da flora dendrológica nativa, se considerarmos as espécies afins mencionadas em conexão com as principais.

Tal relação inclui tudo quanto é útil e utilizado, mas obviamente não esgota as possibilidades da referida flora. É uma amostragem dos recursos utilizáveis no momento, em questão de lenhos adequados aos interesses humanos. Outros poderão vir a seu tempo.

As madeiras figuram no texto numeradas, de 1 a 97, por ordem alfabética, o que dispensa um índice geral. Como têm, no entanto, vasta sinonímia, apresentamos o índice desses nomes vulgares adicionais tomando por referência o número da madeira a que correspondem. Assim, totalizam 283 os nomes vernaculares de lenhos úteis, sendo 97 numerados no texto como mais importantes e 186 nele integrados como secundários ou sinônimos. Foi adotado critério idêntico na organização do índice de nomes científicos, sempre útil como elemento de consulta.

1 — AÇACU (areeiro)

Hura crepitans L., euforbiácea. Grande árvore de 27-40 m × × 80-200 cm, com folhas cordiformes, flores unissexuais magnas e cápsula de 8 × 4 cm que se abre violentamente, lançando as sementes à distância e emitindo ruído peculiar (donde o nome: crepitante); a casca é fortemente aculeada (fig. 1). Distribui-se da América Central à Amazônia. Madeira entre branca e creme, brilhante, áspera, leve, macia, que embolora facilmente; só é duradoura em condições favoráveis. Emprega-se em obras internas, caixotaria, compensados e tamancos.

2 — ACAPU

Vouacapoua americana Aubl., leguminosa-cesalpinióidea. Árvore grande, dotada de folhagem escura, botões esféricos, flores pequenas e douradas, e legume obovado de 6-7 cm. Dispersa-se através da Amazônia, alcançando o Maranhão. Madeira castanho-escura, aproximando-se não raro de negra, enfeitada com múltiplas estrias mais claras, lisa ou um tanto áspera, compacta, pesada, dura, imputrescível, não absorvendo umidade e inatacável por insetos e gusano. O seu aspecto fibroso lembra a sucupira. É o lenho mais importante do comércio paraense, utilizado em construção civil e naval, marcenaria, tacos de soalho e de bilhar, vigas, dor-



Açacu (*Hura crepitans* L.) Notar os acúleos

mentos, compensados e lambris; racha com facilidade, mas serve para o que se indicou acima.

Outro acapu é *V. pallidior* Ducke, do Rio Negro, AM, que oferece lenho bem mais claro.

3 — AÇOITA-CAVALO

Luehea divaricata Mart., tiliácea, ainda designada como *ivitinga*. Árvore mediana que chega a mostrar-se grande, com folhas serreadas dotadas de 3 nervuras longitudinais, flores alvas especiosas (2,5 cm) e cápsula peluda de uns 2-2,5 cm. Dissemina-se de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul e países vizinhos. Madeira branca ou amarelada, passando ao bege-claro, uniforme, podendo apresentar nuance rósea, lisa, moderadamente pesada e dura, pouco resistente aos agentes deletérios. Adequada à confecção de peças encurvadas, hélices de aeronaves, coronhas, formas de sapato, cadeiras, escovas, selas e mobiliário. Várias espécies parecem-se com a presente e poderiam substituí-la, tendo ainda o mesmo nome popular. São difíceis de discriminar entre si. *Luehea paniculata* Mart., v. g., ocorre do Piauí a São Paulo e Mato Grosso, sendo encontrada no cerrado.

4 — AGUANO (mogno)

Swietenia macrophylla King, meliácea, também conhecida como *araputanga* e *cedro-i*. *S. krukovii* Gleas. é um sinônimo. Árvore de 24-30 m × 50-80 cm, com folíolos ovado-oblongos, assimétricos na base e caudados, flores pequeninas e cápsula magna (até 22 cm) lenhosa, que inclui sementes aladas. Sua área é muito extensa, vindo desde o sul do México até o Brasil e países vizinhos; entre nós, é muito espalhado na Amazônia e alcança Mato Grosso e Goiás, onde já se abate. Madeira pardo-avermelhada, uniforme, brilhante, com reflexo dourado, lisa, moderadamente pesada e dura, durável. Querem-na para mobiliário fino, painéis, objetos de adorno, réguas de cálculo, embarcações leves e coisas assim.



Mogno ou aguano (*Swietenia macrophylla* King)

5 — AMENDOIM

Pterogyne nitens Tul., leguminosa-cesalpinióidea. Árvore que atinge 30 × 1 m, com folíolos ovados e emarginados, flores minutas, ovário piloso e nitidamente alado em um dos lados, e sâmara medindo 4-6 cm. Estende-se do Ceará ao Paraná e Mato Grosso, passando à Argentina e Paraguai, na mata. Madeira bege-rosada a pardo-avermelhado-clara, uniforme, brilhante, áspera, pesada, dura e resistente aos agentes destrutivos. Própria para móveis finos, lambris, tacos, torneados, carroçaria, tabuado, tanoaria, cabos de ferramenta, escadas, utensílios etc.

6 — ANDIROBA

Carapa guianensis Aubl., meliácea. Árvore de uns 24-30 m × 60-90 cm, raramente maior, com folíolos amplos (10-30 cm) e elítico-acuminados, flores pequeninas e grande cápsula globoso-quadrangular (8-10 cm de diâmetro) contendo 12-16 magnas sementes. É habitante das várzeas hileianas, entrando no Maranhão; mas prolonga-se até as Antilhas. Madeira pardo-avermelhada, não raro bem escura, uniforme, inodora e insípida, bastante pesada e dura, com boa durabilidade. Encontra aceitação em mobiliário, pequenas embarcações, mastros, vergas, carpintaria etc.

7 — ANGÉLICA (angélica-do-pará)

Dicorynia paraensis Benth., leguminosa-cesalpinióidea. *D. guianensis* Amsh. é um sinônimo. Árvore que alcança 25 m × 80 cm, com folíolos magnos e ovado-acuminados, flores com 3 pétalas e legume indeiscente de 2-4 cm. Mostra-se bastante disseminada na região do Rio Negro, AM, e países vizinhos, não ocorrendo, contudo, no Pará. Madeira parda ou castanho-escura, não raro exibindo tonalidade violácea, não muito pesada, porém, resistente, dura e imputrescível; rica em sílica, não teme o gusano. É parti-



Andiroba (*Carapa gualanensis* Aubl.)

cularmente recomendável para construção civil e naval, carpintaria, segeria, dormentes e sobretudo tanoaria; poderia substituir a teca em vários empregos.

D. ingens Ducke é muito próxima dela, diferindo por levar 11 folíolos esbranquiçados na página de baixo e estames evidentemente menores, com filetes mais curtos do que as anteras; designam-na na Hiléia como *tapaiúna* e tem os mesmos atributos acima exarados.

8 — ANGELIM

Igualmente *angelim-pedra*, é *Hymenolobium excelsum* Ducke, leguminosa-fabóidea. Árvore enorme que alcança uns 50 m e 3 m de diâmetro, com folhas novas surgindo com os frutos maduros, flores violáceo-pálidas e frutos de 8-18 cm cobertos de cera alva-centa. É do Pará e Amazonas, na terra firme. Madeira que, sobre fundo amarelo-pardacento, exhibe veios irregulares de cor pardo-avermelhado-clara, lisa, sem brilho, pesada, dura e durável. Muito bonita para móveis; e mais: carpintaria, marcenaria, construção civil e especialmente naval.

Angelim-pedra designa também a espécie muito próxima *H. petraeum* Ducke, da mesma região e cujo lenho é mais duro; os seus legumes são vermelho-sangüíneos.

9 — ANGELIM-ARARоба (araroba)

Vataireopsis araroba (Aguiar) Ducke, antes dito *Andira araroba* Aguiar, recebe ainda os apelativos de *angelim-amargoso* e *angelim-pedra* (MG). Árvore que vai a 30 m × 120 cm, com folíolos elítico-emarginados, flores violáceas vistosas e sâmara elítica com 2 pequenas asas suplementares na base. Expande-se do sul da Bahia até a Zona da Mata em Minas Gerais. Madeira amarelo-pardacenta e depois pardo-avermelhado-amarelada, uniforme, algo áspera, fortemente amarga, pesada, dura, porém, fácil de manejar. Só tem importância local, para construção, carpintaria, postes, mourões, telhas e esquadrias. Nos vasos e em cavidades do tronco acumula-se um pó amarelo, denominado *pó da Bahia* e no comércio internacional *pó de Goa*, que é a *crisarrobina*, um laxativo e remédio para certas dermatoses; é irritante dos olhos, ao serrar-se o lenho.

10 — ANGELIM-RAJADO

Pithecellobium racemosum Ducke, leguminosa-mimosóidea. Árvore mediana caracterizada por grandes estípulas (6-10 mm), folíolos emarginados e racemos inseridos abaixo das folhas, afora



Angelim-pedra (*Hymenolobium excelsum* Ducke), em Rondônia. Remanescentes da floresta, numa derrubada para construção da rodovia Cuiabá—Porto Velho. (Foto: Adelia Japiassú, IBGE)

o próprio lenho. Vive nas matas amazônicas. A madeira exhibe, sobre fundo amarelo-pardacento-pálido, estrias e faixas paralelas, espaçadas, irregulares, cuja coloração é pardo-rubro-escuro (formadas de resina); é dura, pesada, muito durável e fácil de trabalhar. Afirma Ducke que esta é a mais bela madeira das mimosóideas hileianas, sendo apreciada em marcenaria e ebanisteria. Lenhos idênticos, denominados igualmente *angelins*, existem no mencionado gênero *Hymenolobium*, das papilionóideas (fabóideas), também amazônicas (cf.).

11 — ANGICO-VERMELHO

Por *angico*, à semelhança de canela (cf.) nas lauráceas, costuma-se designar avultado número de leguminosas arbóreas, mediante a aposição de um qualificativo. Angico-vermelho é propriamente *Piptadenia macrocarpa* Benth., leguminosa-mimosóidea. Trata-se de árvore dotada de casca lisa que alcança 30 m × 90 cm, com folíolos lineares, flores minutas em glomérulos e vagem (15-30 cm) que se abre apenas por uma fenda. Apresenta ampla área, desde o Maranhão até a Argentina e circunvizinhanças, na mata, cerrado e caatinga. Madeira castanho-amarelada que passa a vermelho-queimada, com veios ou manchas violáceo-esmaecidos, áspera, pesada, dura e resistente à deterioração. Muito empregada em construção rural, caibros, esquadrias, batentes, vigas, postes, mourões, tacos, dormentes, rodas de engenho, carroças etc., além de lenha e carvão de primeira qualidade. A casca encerra 15-20% de tanino e é aceita nos curtumes. Fornece ainda goma, inferior à goma arábica.

Outro angico muito parecido é *Piptadenia peregrina* (L.) Benth., denominado *paricá* na Amazônia, onde é largamente disperso, vindo da América Central; fora daí, é ocasional.

O *angico-do-cerrado* é *P. falcata* Benth., arvoreta tortuosa provida de espessíssima casca gretada, muito comum em São Paulo e Paraná.

P. rigida Benth. é o *angico-amarelo*, árvore mediana que se espalha de São Paulo à Argentina e países limítrofes; a madeira pardo-avermelhada e a casca tanífera denotam a mesma utilidade do angico-vermelho.

12 — ARAPATI

Arapatiella psilophylla (Harms) Cowan, leguminosa-cesalpinióidea, às vezes denominada *faveca-vermelha*. Árvore que mede 10-25 m × 25-60 cm, com folíolos oblongos, coriáceos e sem nervuras, estípulas grandes, flores alvas e vistosas, e legumes lenhosos cujas valvas se enrolam em hélice. Conhecida somente da floresta pluvial austro-baiana. Madeira pardo-avermelhada, muito dura e pesada, compacta e lisa, fácil de aplainar e adquirindo brilho intenso mediante polimento, muito resistente à deterioração. Poderá ser usada para tacos luxuosos, construção, estacas, vigas e obras hidráulicas, visto constar que é impenetrável ao gusano marinho. Sua importância por ora é exclusivamente local.

13 — ARAPOCA

Raputia magnifica Engl., rutácea ainda denominada *amarelinho* e *guarapoca*. Árvore entre pequena e mediana, com folhas digitadas de 5-7 folíolos obovado-acuminados, flores medindo 2-2,5 cm e cápsula do mesmo tamanho. Encontra-se na floresta atlântica, desde o Ceará (serras) até o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Lenho e utilização iguais aos do guarantã (cf.).

Outra arapoca é *Raputia alba* (Nees & Mart.) Engl., arvoreta do Rio de Janeiro e Minas Gerais, cujas folhas são simples.

14 — ARARACANGA

Também chamada *pequiá-marfim*, vem a ser *Aspidosperma album* (Vahl) R. Ben., apocinácea. Árvore de 25-30 m × 60-80 cm, com folhas obovadas, arredondadas e emarginadas no ápice e fo-

lículo orbicular, que ocorre na Amazônia. Madeira pardo-avermelhado-clara, uniforme, lisa, fácil de polir, pesada, dura, compacta e com anéis de crescimento perceptíveis. Indicada para construções navais e civis, carpintaria e marcenaria, dormentes de primeira etc.

Semelhante e da mesma zona é *A. desmanthum* Benth., com lenho e usos iguais, denominado *araracanga* e *araraíba*, nome este ainda aplicado à anterior. Diferem sobretudo porque, em *A. album*, as folhas são esbranquiçadas na face inferior e em *A. desmanthum* mostram-se uniformemente verdes. Este prevalece no Pará; aquele, no Amazonas.

15 — ARARIBÁ

Araribá propriamente dito é *Centrolobium tomentosum* Guill., cuja área abrange Minas Gerais, Rio de Janeiro, o sul de Goiás, São Paulo e Paraná. *Araribá-rosa* e *araribá-vermelho* são outros nomes do mesmo. Distingue-se do putumuju (cf.) pelos folíolos rufo-tomentosos na página de baixo e fruto quase séssil. Lenho e emprego idênticos aos daquele.

Espécie semelhante ao araribá é *C. paraense* Tul., que se afasta pelos frutos estipitados, denominado na Amazônia, sua terra natal, *pau-rainha*; a madeira, rajada de amarelo, é ótima.

Outra árvore denominada araribá é *Sickingia glaziovii* K. Sch., da floresta atlântica, dotada de lenho sangüíneo cuja qualidade é boa, conquanto sem emprego. Sendo de família diversa (rubiácea), difere desde logo pelas enormes folhas simples, opostas e estipuladas, além das flores gamopétalas e isostêmones, e dos frutos capsulares pequenos.

16 — AROEIRA (aroeira-do-sertão)

Astronium urundeuva (Fr. All.) Engl., anacardiácea, também dito *urundeúva*. Árvore pequena ou mediana (na mata, grande), com folíolos ovados e aromáticos, flores minutas e drupa globosa

envolvida pelo cálice ampliado. Habita cerrado, mata e caatinga, variando o porte de acordo com isso, do Ceará à Argentina, onde é essência florestal valiosa. Madeira pardo-avermelhada até muito escura, podendo exibir manchas mais saturadas, lisa, compacta, pesada, muito dura e imputrescível; recebe polimento excelente. Ideal para obras externas, postes, mourões, esteios, dormentes, vigas, pontes, moendas de engenho etc. Difere do gonçalo-alves pela casca gretada e drupas globosas; no gonçalo, aquela é lisa e estas são alongadas. A casca é tanífera.

17 — ARRUDA-RAJADA

Swartzia fasciata Rizz. & Matt., leguminosa-cesalpinióidea. Árvore alta que alcança até 30 m × 130 cm, com folíolos oblongo-acuminados, flores pequeninas e frutos grandes como manga (5-7 × 4-6 cm), levando polpa e magnas sementes. É conhecida somente dos arredores de Prado, sul da Bahia, na floresta pluvial. Madeira vermelha com belas listas mais carregadas, lisa, pesada, dura e resistente aos agentes destrutivos. Pode ser usada para construções luxuosas, marcenaria, tacos finos, caixas, estojos etc.

Outra é a *arruda-vermelha*, *Swartzia euxylophora* Rizz. & Matt., do mesmo local, com madeira inteiramente vermelha; mais abundante e menos abatida por mostrar-se a primeira hem mais atraente.

18 — BICUÍBA-VERMELHA

Dita apenas *bicuíba* e *urucuba* em Pernambuco, é *Virola gardneri* (DC.) Warb., miristicácea. Árvore que atinge 35 m × 150 cm, com folhas lanceolado-acuminadas, flores inconspícuas e cápsula globosa medindo 3-4 cm e contendo uma semente com arilo carnoso. Sua área medeia entre Pernambuco e Rio de Janeiro, na

floresta. Madeira de rosado até castanho-escura, uniforme, medianamente pesada e dura, bastante resistente aos agentes externos e fácil de trabalhar, pouco empenando. Indica-se em construção, carpintaria, tabuado, canoas, telhas, mourões etc. Da casca lesada exsuda seiva rubra tida como anti-hemorrágica e cicatrizante.

Viola officinalis (Mart.) Warb., a *bicuíba-branca* do sul da Bahia a Minas Gerais, é semelhante, porém, considerada inferior.

Da Bahia ao Rio Grande do Sul ocorre ainda *V. oleifera* (Schott) A. C. Sm., mais conhecida como *V. bicuhyba* (Schott) Warb., a nossa *bicuíba* do Rio de Janeiro, sem qualquer préstimo.

V. sebifera Aubl., a *ucuúba-vermelha* da Hiléia e que é comum no Brasil Central, tem lenho pardo-avermelhado; reconhece-se logo pelas longas folhas ferrugíneas na face inferior; as sementes fornecem gordura utilizável.

19 — BRAÚNA (baraúna)

Schinopsis brasiliensis Engl., anacardiácea. Árvore que atinge uns 6-12 m \times 20-60 cm, distinta pelos ramos espinhosos e frutos alados cheios de massa esponjosa. É característica da caatinga, especialmente baiana. A madeira é afim da aroeira, porém, extremamente dura e indicada sobretudo para dormentes.

N. B. — Não confundir a braúna da caatinga com a braúna da floresta atlântica, tratada a seguir e completamente diversa.

20 — BRAÚNA

Melanoxylon braunia Schott, leguminosa-cesalpinióidea. Árvore com cerca de 20-25 m \times 40-90 cm, provida de folíolos oblongos, flores líteas especiosas e legume largo, achatado, reniforme, levando sementes samariformes. Ocorre na mata atlântica e dos tabuleiros, desde o sul baiano até São Paulo. Madeira pardo-escura

e comumente negra (donde os nomes *braúna*, *ibiraúva*, *graúna* e *maria-preta*), muito pesada e duríssima, difícil de trabalhar, embora aceitando bom acabamento, impossível de apodrecer. Conquanto muito comum, não é correntemente derrubada em face da extrema dureza, podendo ser utilizada em obras externas pesadas, vigas, pranchões, mourões, dormentes, tacos, pontes, cubos de roda, assoalhos e coisas desse tipo. A casca é tanífera, mas sem emprego.

21 — CAIXETA

Tabebuia cassinoides (Lam.) DC., bignoniácea. Arvoreta de 5-12 m × 10-30 cm, com folhas simples e rígidas, e flores alvas de 6-8 cm, muito vistosas. Habita terrenos permanentemente alagadiços ou úmidos ao longo do litoral, indo de Pernambuco a São Paulo. Madeira branca ou levemente amarelada, podendo ter tom rosado, uniforme, passando a branco-sujo, lisa, leve, macia ao corte, que não racha nem empena mesmo ao sol, durável ao ar. Usada para confeccionar tamancos (preferida), lápis, pranchetas, violas, brinquedos, caixás finas, molduras, saltos de sapato, palitos de fósforo. Recebe ainda os nomes de *tabebuia* e *pau-de-tamanco*. Convém observar que caixeta é palavra designativa de muitas outras madeiras brancas e leves, com idêntica utilização.

Madeira do mesmo tipo é a de *Cytharexylon cinereum* L., verbenácea de ampla dispersão: das Índias Ocidentais ao Rio de Janeiro e São Paulo. Conduz folhas oblongo-lanceoladas e acuminadas, corola tubulosa (6 mm) e drupas sangüíneas em cachos. O lenho é pardacento-rosado-claro a pardacento-amarelado, leve e macio, um pouco brilhante e sem resistência aos agentes deletérios. Procuram-no para confeccionar violas, caixas e usar em carpintaria. As árvores são pequenas e esparsas.

Outras espécies como *C. montevidensis* (Spr.) Mold. e *C. mirianthum* Cham. denotam semelhantes propriedades. Seus nomes populares são: *Pau-de-viola* e *pombeira*. Cf. também: 1. *Açacu*, 59. *Marupá* e 95. *Ucuúba-branca*.

22 — CANAFÍSTULA

Cassia ferruginea Schrad., leguminosa-cesalpinióidea, também chamada *guarucaia* e *canjiquinha*. Árvore mediana de uns 10-20 m × 50-70 cm, com folíolos oblongos e ciliados, flores amarelas vistosas e olorosas, e legume indeiscente que mede até 80 cm. Muito difundida nas matas desde o Ceará até o Paraná. Madeira bege-rosado-clara, depois pardo-avermelhada, moderadamente pesada e dura, grosseira e porosa, bastante durável na ausência de umidade. Serve para tacos, construções, tabuado, dormentes, vigas, rodapés, caixotes e palitos; a casca leva cerca de 10% de tanino, sendo aceita nos curtumes.

Algumas outras poucas espécies de *Cassia* oferecem lenho forte e resistente; p. ex., *C. scleroxylon* Ducke, a *muirapixuna*, do Pará e Amazonas, árvore mediana dotada de madeira pardo-escura, dura e difícil de apodrecer.

23 — CANDEIA

Vanillosmopsis erythropappa (DC.) Schultz., composta, às vezes chamada *cambará* (nome de outras compostas). Árvore pequena, até uns 10 m × 30 cm, com folhas ovado-oblongas, acuminadas, alvacentas em baixo, flores minutas em capítulos e aquênios de 2 mm. Vai da Bahia a São Paulo, sendo muito freqüente em cerrados, campos e terrenos devastados, pois prefere solos pobres. Madeira branco-acinzentada, dura, compacta, muito resistente à umidade e pragas, pesada, lisa, com anéis de crescimento perceptíveis; desprende odor *sui generis* intenso, semelhante à essência de valeriana, sendo rica em óleo essencial, já introduzido em farmácia como veículo para certos medicamentos; aplicado à pele, entrava a penetração das cercárias contribuindo para a profilaxia da esquistossomose. É muito estimada para mourões de cerca, postes e esteios, por ser incorruptível; é lenha de primeira, queimando mesmo sem secar e dando chama clara, mas a fumaça é mal cheirosa.

Cambará ou *camará*, *Moquinia polymorpha* (Less.) DC., também composta, é arbusto ou arvoreta menor, cuja madeira mostra-se semelhante, porém, algo mais escura e inodora, podendo ser igualmente utilizada. Expande-se da Bahia ao Rio Grande do Sul e países vizinhos, preferindo ambientes mais secos e ensolarados.

M. velutina Bong. é espécie idêntica que ocorre nos mesmos habitats, não passando, contudo, de São Paulo; difere da anterior pelo pappus alvo (e não rubéolo) e folhas ovada mais largas; seu lenho distingue-se mediante um odor leve e agradável. Ambas as *Moquinia* servem sobretudo para estacas e mourões.

Outra composta da mesma categoria é *Piptocarpha rotundifolia* (Schultz.) Bak., chamada *macieira* em Minas Gerais; a madeira é semelhante às acima referidas, mas inodora; leva folhas arredondadas e rigidamente coriáceas, mostrando-se vulgar nos cerrados centrais.

24 — CANELA

Numerosas lauráceas arbóreas detêm tal nome, freqüentemente acompanhado de um aposto ou um adjetivo; p. ex., *canela-batalha* e *canela-preta*. Muitas espécies dessa família dos gêneros *Ocotea* e *Nectandra* ou são arbustos ou são árvores pequenas ou, ainda, têm madeira inferior. Outras, afinal, podem ser ocasionalmente cortadas, nas localidades onde sejam abundantes, sob a designação muito geral de “*canela*”; mas sua importância é restrita e de caráter apenas local. Há uma série de canelas cuja utilização não ultrapassa a área de ocorrência, ou porque a madeira é de qualidade inferior e não encontra mercado exterior ou porque a produção é limitada.

As canelas realmente importantes provêm do sul e, sobretudo, de Santa Catarina; mesmo no interior de Minas Gerais, onde ocorrem várias canelas autóctones e em uso, para empregos mais sérios utilizam as importadas de Santa Catarina, visto considerarem as

espécies locais como menos duráveis e fracas, no que têm razão. As duas espécies fundamentais são: *Ocotea pretiosa* (Nees) Mez, a *canela-sassafrás*, e *O. catharinensis* Mez, a *canela-preta*, sendo a primeira a principal fornecedora de "*canela-parda*" para o comércio; conforme se verá adiante, diferem desde logo pelo odor do lenho.

Outras canelas de valor são: *O. pulchella* Mart. (*canela-lajeana*), *O. aciphylla* (Nees) Mez. (*canela-amarela*), *Nectandra megapotamica* (Spr.) Hassler (*canela-preta*), *N. puberula* Ness (*canela-amarela*), *N. reticulata* (R. & P.) Mez. (*canela-preta*) e *N. myriantha* Meissn. (*canela-amarela*).

Diversas outras, localmente empregadas ou muito inferiores, são menos conhecidas, tal *Ocotea rigida* (H. B. K.) Mez., das Serras da Mantiqueira e do Mar; o lenho amarelo serve *in loco* para dormentes, caibros, tábuas e ripas. Convém observar que, na Amazônia, norte do Espírito Santo e sul da Bahia, a palavra canela é substituída pelo vocábulo *louro*, cuja utilização é a mesma.

Como as madeiras amarelas ou amarelo-pardacentas mostram-se manifestamente semelhantes quanto às propriedades e empregos, só descreveremos as duas espécies mais importantes do ponto de vista pragmático e que são as mais difundidas no comércio e de melhor qualidade.

25 — CANELA-PRETA

Ocotea catharinensis Mez, laurácea. Árvore de uns 25-30 m × × 60-80 cm, de folhas lanceoladas e com domácias em forma de escavações nas axilas das nervuras da página inferior, flores diminutas e baga cupulada até perto do meio. Vive preferentemente na costa de Santa Catarina, chegando ao Rio Grande do Sul. Madeira pardo-amarelada, clara ou escura, uniforme ou estriada, desprendendo perceptível odor resinoso, lisa, recebendo belo polimento e embelezando-se pelo envernizamento. Encontrada no comércio de madeiras como "*canela*" ou "*canela-parda*". Dão-lhe os mesmos empregos da *canela-sassafrás* (cf.).

Ocotea pretiosa (Nees) Mez., laurácea. Árvore que vai de 8 a 25 m por 30-120 cm, com folhas oblongas, flores alvas minutas e fruto envolvido por uma cúpula até próximo ao meio. Desce do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, na mata úmida e às vezes em terreno descoberto. Madeira variável do pardo-amarelado ao pardo-avermelhado, claro ou escuro, com veios mais carregados, lisa, brilhante, de dura a macia, secando sem rachar — e denotando forte cheiro peculiar, conforme o qual há duas variedades fisiológicas: 1) lenho contendo *safrol*, do qual promana o odor de “sassafrás”; este serve, em Santa Catarina, para a extração do óleo essencial, dito *óleo de sassafrás*, matéria-prima exportada para a indústria química; 2) lenho contendo *metil-eugenol*, com odor de canela (condimento), que se observa no restante da área; este é empregado somente como canela-parda (madeira). Utiliza-se muito, como importante canela-parda, para construção, esquadrias, caixilhos, mobiliário, pranchas etc.

27 — CANJERANA

Várias espécies do gênero *Cabralea*, das meliáceas, oferecem lenhos pardo-avermelhados ou vermelho-escuros, uniformes, lisos, amargos, bastante aromáticos, com odor agradável, resistentes a condições adversas, razoavelmente macios, com as propriedades do cedro, apenas mais firmes. Possuem aplicações limitadas: construção, marcenaria e objetos esculpidos ou entalhados, como estatuetas e imagens sacras (donde a designação *pau-de-santo*). São muito semelhantes e arduamente discerníveis.

Cabralea multijuga C. DC. é das mais difundidas, observando-se de Minas Gerais na direção do sul, na floresta atlântica; os folíolos são lanceolados (9-10 cm) e levam verrúculas mínimas na superfície.

C. oblongifolia C. DC. ocorre do Paraná e Mato Grosso à Argentina; os folíolos são oblongos (7-15 cm) e sem verrúculas.

C. cangerana Sald. caracteriza-se pelos folíolos pilosos na face inferior, sendo mais notada nas matas cariocas e fluminenses.

28 — CARNE-DE-VACA

Roupala brasiliensis Klotz., proteácea; possui muitos nomes vernaculares, merecendo citação: *catucaém*, *carvalho*, *cedro-faia* e *catanga-de-barrão*. Árvore pequena no cerrado e até 30 m × 90 cm na mata, com grossas folhas peludas, ovado-acuminadas e fundamentalmente denteadas, flores vilosas e conspícuas e cápsulas rostradas de uns 3 cm, contendo sementes aladas. Aparece desde a Bahia até o Paraná, em boa cópia. Madeira que, sobre fundo róseo-violáceo até castanho-arroxeadado, apresenta inúmeras manchas pálidas, produzindo belo efeito e lembrando o carvalho ou a faia europeus, pesada, dura e com durabilidade apreciável. Usam-na para mobiliário, obras externas e dormentes, podendo servir para caixas de rádio, vitrola e objetos decorativos.

Outras espécies levam a designação de *carvalho*, como, por exemplo, *Euplassa incana* (Klotz.) Johnst, da mesma família, o *carvalho-paulista*, que vive desde Minas Gerais e Rio de Janeiro até o Paraná.

Carne-de-vaca é também *Roupala meinsneri* Sleuner, de São Paulo ao Rio Grande do Sul, grande árvore silvícola, que difere da supra-descrita pelas folhas glabras e subintegras, além das folhas sésseis. A madeira é semelhante.

29 — CAVIÚNA-VERMELHA

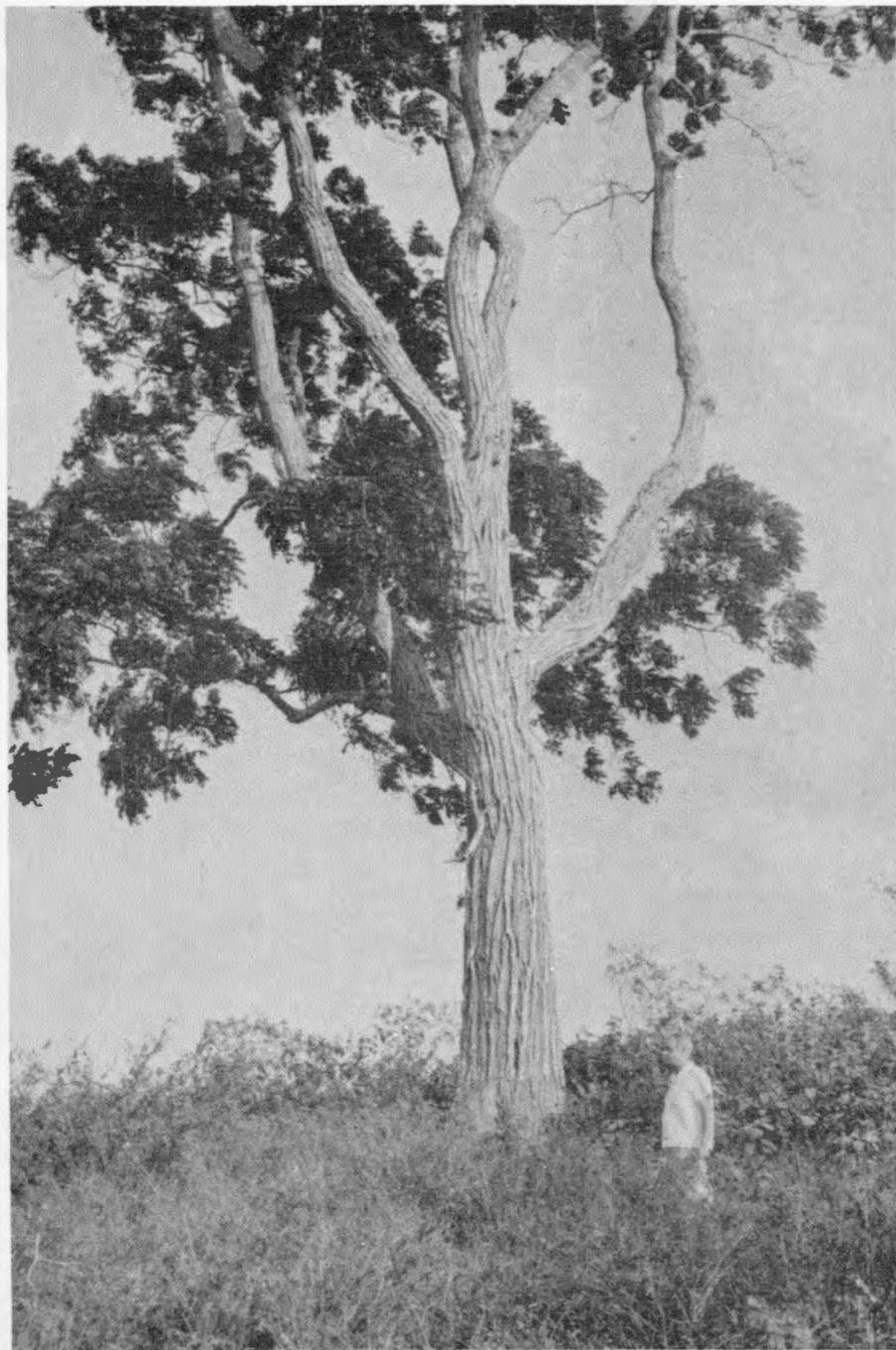
Ou simplesmente *caviúna* (SP) ou *pau-ferro* (MG, GO), é *Machaerium scleroxylon* Tul., leguminosa-fabóidea. Árvore que transita de pequena a grande, com folíolos oblongos e marginados,

flores minutas e fruto seco alado de 4-5 cm. Ocorre do norte de Goiás ao Paraná, onde se extrai a maior cópia. Madeira variável desde o bege ou pardo-avermelhado ao vermelho-pardacento ou mesmo vermelho-violáceo, irregularmente listada de cor mais intensa, lisa, agradável e levemente olorosa, pesada, dura e durabilíssima; certas amostras apresentam desenhos tais que se parecem bastante com o jacarandá-da-bahia. Muito serrada hoje em dia para móveis de luxo, marchetaria, objetos torneados e de adorno, compensados etc. Convém observar que este lenho encerra uma óleo-resina que pode sensibilizar a pele humana, gerando dermatose do tipo eczematoso nos operários que a serram; recentemente, recebemos carta de uma firma boliviana pedindo conselho a respeito, pois vários profissionais estavam afetados; informaram-nos que a caviúna é importada pela referida serraria. Chamada ainda *penanguba*, *violeta* e *jucá* (GO).

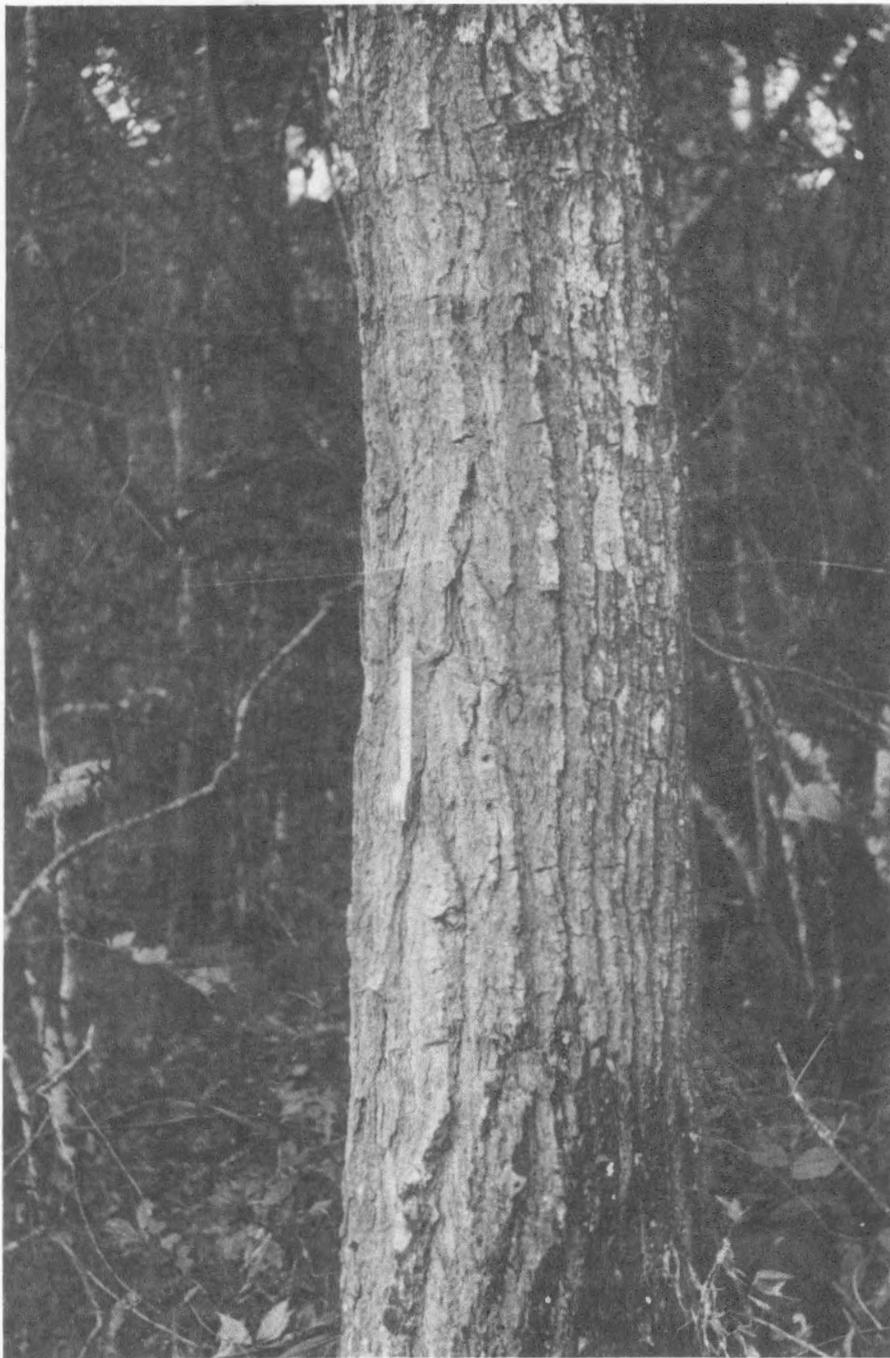
30 — CEDRO

Três espécies de *Cedrela*, das meliáceas, possuem madeira que varia do bege-rosado-escuro ao pardo-avermelhado, claro ou escuro, uniforme, lustrosa, lisa, aromática, macia ao corte e muito durável (salvo enterrada). Sua coloração varia bastante consoante a procedência, donde promanam designações *cedro-rosa*, *cedro-vermelho* e *cedro-branco*, que se reputa serem aplicadas a uma e mesma espécie em localidades diferentes, segundo a tonalidade do lenho. Destilada, cede óleo de cheiro desagradável. É lenho de amplíssimo uso, em contraplacados, carpintaria, marcenaria, esquadrias, forros, molduras, caixilhos, construção naval e aeronáutica, caixas de charuto, arcas, instrumentos musicais etc. As espécies envolvidas são as subseqüentes. São grandes árvores silvestres.

A. *Cedrela fissilis* Vell. — É a mais freqüente, distribuindo-se desde o Pará até a Argentina, e comuníssima de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul. Caracteriza-se pelos folíolos pubescentes na página inferior e aí sem domáceas e cápsulas maiores (4,5 — 10 cm).



Cedro (*Cedrella odorata* L.) no sul da Bahia. A casca é espessa e sulcada



Cedro (*Cedrella fissilis* Vell.) em Minas Gerais. Notar a casca típica, grossa e sulcada.

B. *Cedrela odorata* L. — É o cedro do Amazonas, cuja área imensa estende-se desde o norte do México até o Nordeste brasileiro, sendo, porém, muito comum na Hiléia. Discrepa dos outros pelos folíolos obtusos, glabros e dotados de domáceas em forma de bolsinhas no ângulo da nervura central com os laterais; as cápsulas medem 2,5 — 4 cm.

C. *Cedrela angustifolia* S. & Moc. — É o cedro da floresta atlântica montana, apresentando área igual à do anterior, passando, contudo, à Argentina; é mais vulgar do Espírito Santo ao Paraná; aparece nas matas sobre afloramentos elevados de calcário, como em Brasília, por exemplo. Diverge pelos folíolos agudamente acuminados, com pelos ao longo das nervuras e domáceas em forma de bolsa e barbadás; as cápsulas vão a 2,5 — 5 cm.

31 — CEREJEIRA (amburana, cumaru-das-caatingas)

Torresea cearensis Fr. All., leguminosa-fabóidea, com o nome invalidado de *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. C. Sm. Árvore pequena (3-10 m) a grande (20 m × 70 cm) conforme o habitat; caducifólia, com folíolos ovados e emarginados, flores unipétalas e legume semelhante a um bico de pato aberto, o qual mede 7.9 cm. Comum nas caatingas do Nordeste e não menos nas matas do Vale do Rio Doce (MG e ES), bem como da Argentina; ainda nas matas de calcário matogrossenses e goianas. Madeira bege-amarelada, podendo ser levemente rosada, com listas pouco mais escuras, lisa, algo lustrosa, de aspecto oleoso, moderadamente pesada e dura, fácil de cortar, bastante durável mesmo ao tempo, rescendendo manifestamente a cumarina. Emprega-se em mobiliário fino, lambris, balcões, tonéis, folheados etc. As sementes, contendo uns 4% de cumarina, encontram serventia na aromatização de tabaco e roupas.

Torresea acreana Ducke é árvore muito semelhante que vive nas matas do sudoeste da Hiléia (Amazonas e Acre); alcança mais de 30 m e denominam-na *amburana-de-cheiro* e *cumaru-de-cheiro*.



Copaiba (*Copaivera langsdorffii* Desf.) em mata seca de Minas Gerais

Piptadenia cobí Rizz. & Matt., leguminosa-mimosóidea. Árvore do grupo angico-vermelho (cf.), de uns 15-30 m × 60-150 cm, com folíolos minútos, duros e brilhantes, e frutos lenhosos, grandes e largos (até 30 × 4 cm), que se abrem por uma única fenda. Restrito à Bahia austral e Espírito Santo boreal, de onde se exporta em pequena quantidade. Madeira pardo-claro-amarelada, brilhante, lisa, dura, compacta, pesada e imune aos agentes danificadores. Indicada para construção, carpintaria, vigas, tacos e dormentes.

33 — COPAÍBA

Várias espécies do gênero *Copaífera* são mais conhecidas pelo óleo extraído do tronco, mencionado em outra parte, do que pela madeira, a qual, contudo, encontra aplicação ocasional e pode ser serrada vez por outra. Isto se refere, sobretudo, a *C. langsdorffii* Desf., árvore mediana dos cerrados e matas secas centrais, que alcança até 15 m e leva folíolos ovado-oblongos e com pontos translúcidos sob lente, flores sem pétalas e legume ovóide, pequenino, com uma semente negra dotada de arilo carnoso e amarelo. Reparte-se do Amazonas ao Paraná. A madeira é avermelhada e mais ou menos rajada de pardacento, porosa, fibrosa, pesada, dura e resistente aos agentes destrutivos, mas não tem qualidades atraentes. Serve em construção, carroçaria, carpintaria e tanoaria. Encontra-se, ainda, sob a voz de *pau-d'óleo* (MG e BA). O seu óleo é reputado excelente.

C. reticulata Ducke, do Amazonas e Pará, é árvore grande caracterizada pelos folíolos ovado-oblongos e reticulado-venosos. Fornece todo o óleo de copaíba do baixo Amazonas. Sua madeira é das leguminosas-cesalpinióideas.



Garapa

34 — FAVEIRO (sucupira-branca)

Pterodon pubescens Benth., leguminosa-fabóidea. Árvore que atinge 15 m × 60 cm, em geral menor, com folíolos em regra oblongos e levemente chasfiados, possuindo pontos translúcidos; flores pequenas, palidamente violáceas e fruto drupáceo seco, com endocarpo alado e destacável, contendo muito óleo aromático. Espalhada por boa parte do cerrado central, vai do Ceará a Mato Grosso e São Paulo. Madeira amarelo-pardacenta, uniforme, algo áspera, pesadíssima e extremamente dura, difícil de seccionar a machado, imputrescível. Pouco utilizada tanto pela dureza quanto pela escassez de exemplares adequados; pode servir para construção pesada, pontes, vigas, carroças, cabos de ferramenta, tacos, esquadrias, macetas e dormentes. O óleo da drupa detém propriedades anti-esquitossomóticas, impedindo a penetração de cercárias na pele dos mamíferos e opondo-se à infestação.

Idêntica madeira e emprego apresenta *P. polygalaeiflorus* Benth., das matas secas e cerrados altos, desde o Piauí até Goiás e Minas Gerais; este leva flores roxas e folíolos maiores e glabros, bem como frutos mais amplos.

35 — FREIJÓ

Cordia goeldiana Huber, semelhante ao *louro-pardo*, distinguindo-se pelas folhas glabras. Encontra-se sobretudo no baixo Tocantins e afluentes, Pará. Utilidade idêntica.

36 — GARAPA

Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr., leguminosa-cesalpinóidea, ainda tratada por *grapiapunha* no Sul. Árvore que pode chegar a 20 m × 50 cm, de casca não raro argêntea, folíolos emarginados e com ponta, flores pequeninas em cachinhos e margens com pelos vermelho-dourados. Expande-se do Nordeste à Argentina e Uruguai. Madeira bege-claro, uniforme, lisa, brilhante, pesada, dura e muito duradoura, recebendo acabamento polido. Utilizada em constru-

ção, marcenaria, decoração de interiores, esquadrias, tanoarias, vigas, dormentes, tacos, carrocerias de caminhão etc. E também para falsificar a peroba-de-campos, com a qual se parece à primeira inspeção.

Apuleia molaris Spruce, que muitos consideram conspecifica com a anterior, difere principalmente pela área geográfica: vai da Hiléia ao norte do Espírito Santo, lenho e usos iguais aos da garapa; na Amazônia recebe os nomes de *muirajuba*, *barajuba* e *muiratauá*, enquanto que na Bahia é dita também *garapa*.

37 — GONÇALO-ALVES

Astronium fraxinifolium Schott, anacardiácea. Árvore de 3 (cerrado) a 12 m × 60 cm, com folíolos ovado-oblongos e drupinhas alongadas envolvidas por amplo cálice. Ocorre nos cerrados e matas secas da Hiléia, Brasil Central e caatinga. Madeira pardo-avermelhado-clara com grandes manchas e veios pardo-escuros e reflexo algo dourado, lisa, brilhante, dura, pesada, muito durável. Usa-se para mobiliário de luxo, objetos de adorno e torneados, construções civis e navais, recebendo acabamento deveras bonito.

Outro gonçalo, dito também *mirueira* no sul da Bahia e norte do Espírito Santo, é *Astronium macrocalyx* Engl., dotado de madeira idêntica, porém, de tamanho muito maior; fruto e cálice bem maiores; vive na floresta pluvial de ambos os Estados citados.

38 — GRUMIXÁ (bacumixá)

Pouteria sp., alta e grossa árvore ainda não identificada, das sapotáceas, que ocorre em boa quota no sul da Bahia, conquanto alcançasse o Rio de Janeiro; lá, dizem-na comumente *pau-de-remo*. O lenho é pardo-rosado-claro, duro, moderadamente pesado e muito resistente à ação da água do mar e do gusano. Velhos esteios de cais no Rio de Janeiro, desenterrados, revelaram-se surpreendentemente bem conservados. Daí ser esta madeira procurada para obras externas, esteios e estacas marítimas, e para confeccionar remos.

39 — GUAJUVIRA

Conhecida também por *guarapuvira*, é *Patagonula americana* L., boraginácea. Árvore de até 30 m × 70-80 cm, folhas oblanceoladas e serreadas do meio para o ápice, as flores pequeninas, bem como o frutinho envolvido por amplo cálice. Distribui-se de São Paulo à Argentina e Uruguai. Madeira geralmente pardo-avermelhado-escura e mesmo quase negra, com desenhos copiosos, lustrosa, lisa, pesada, dura e muito resistente à deterioração, mesmo n'água. Excelente para móveis, cabos de ferramenta, facas, remos, selas, tacos de bilhar e de golfe, peças encurvadas e tudo quanto exigir madeira flexível e elástica.

40 — GUAPURUVU

Schizolobium parahyba (Vell.) Glake, leguminosa-cesalpinióidea, também denominada *bacurubu*, *bandarra* (RJ) e *faveira* (MG). Árvore de 10-30 m por até 1 m, casca tipicamente cinzenta e lisa, dotada de inúmeros folíolos elípticos, flores amarelas atrativas e legume espatulado cujo endocarpo se desprende levando dentro a grande semente, como se fosse asa. Vai do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, mas procede do México meridional. Madeira branco-amarelada, sedosa, lisa, algo lustrosa, leve e macia. Indicada para fabricar caixas, forros, pranchetas, palitos, canoas, aeromodelos, brinquedos e objetos que exijam madeira leve e macia; bastante promissora como matéria-prima para papel.

41 — GUARANTÁ

Esenbeckia leiocarpa Engl., rutácea; diz-se ainda *guarataia* (ES) e *goiabeira* (BA). Árvore de 8-10 até 30 m por 30-50 cm, com folhas oblongo-acuminadas e providas de pontos translúcidos; flores inconspícuas e cápsula lisa de uns 2 cm. Dispersa-se na mata desde o sul da Bahia até São Paulo e Mato Grosso, incluindo Goiás. Madeira amarelo-citrina, uniforme, passando a amarelo-dourada,

no diâmetro e apresentando excrescências globosas sobre o tronco, denominadas *papo-de-imbuia*; folhas lanceoladas e acuminadas, flores pequeninas e frutos esféricos, dotados de cúpula basal muito estreita. Ocorre copiosamente no Paraná e norte de Santa Catarina. Madeira variável, indo do pardo-amarelado ao pardo-escuro-avermelhado, geralmente ornamentada com finos veios ou máculas escuras, lisa, exalando característico odor resinoso e agradável, não muito dura nem pesada, mas extremamente durável. Valiosíssima e custosa, preferida para móveis de luxo, folhas externas de compensados, painéis, lambris, tacos etc.

44 — INHAÍBA

Eschweilera rhodogonoclada Rizz. & Matt., lecitidácea. Árvore que atinge 30 m × 130 cm, com râmulos angulosos e rubros, folhas elíticas e coriáceas, flores desconhecidas. É própria do sul da Bahia e norte do Espírito Santo; também chamada *inhaíba-de-rego*. Madeira pardo-amarelada ou oliváceo-clara, uniforme, lisa, pesada e muito dura, rachando com facilidade, dando acabamento liso e sendo resistente ao gusano marinho. Usam-na regionalmente, sobretudo em construção naval, mastros, vigas, pontes, dormentes e escoras.

Na Hiléia, há várias espécies congênericas igualmente prestativas, denominadas *matá-matá*, das quais a principal é *E. odora* (Poepp.) Miers, árvore de 30-40 m × 40-60 cm, cujo cerne vai de marrom a oliváceo.

45 — IPÊ

É a designação aplicada, da Bahia para o sul, a espécies do gênero *Tabebuia* (antes *Tecoma*) provida de cerne pesado e escuro, duríssimo e imputrescível; *pau-d'arco* é o nome dado a elas da Amazônia à Bahia. Em Minas Gerais usam-se ambas, mas no inte-

rior tem preferência pau-d'arco. Tais madeiras mostram-se pardo-oliváceas ou pardo-acastanhado-escuras, com reflexo esverdeado, lisas e de aspecto oleoso, como a peroba-de-campos, sempre encerram lapachol, cristais que, sob a ação dos álcalis (potassa, soda), assumem coloração intensamente vermelha. É difícil de serrar, servindo em construções pesadas e estruturas externas, pontes, dormentes, tacos de bilhar e soalho, bengalas, cangas etc. Outras espécies de *Tabebuia* têm lenho mole e branco, sem lapachol, não recebendo a designação assinalada (cf. *caixeta*). Os principais ipês ou pau-d'arcos são os seguintes:

A. *Ipê-amarelo* — *T. serratifolia* (Vahl) Nichols., que se expande desde o México até São Paulo e Mato Grosso. É árvore de 5-25 m × 80-90 cm, com folíolos oblongos e flores amarelas de 6-8 cm. Semelhante é *T. vellosi* Tol. (antes: *T. longiflora* (Vell.) Bur. D K. Sch., que leva corola medindo 8-10 cm; sua área vai apenas do sul da Bahia ao Rio de Janeiro.

B. *Ipê-roxo* — *T. impetiginosa* (Mart.) Standl., estendendo-se do Piauí até São Paulo. É árvore de 8-10 m × 30-100 cm, com folíolos oval-oblongos e coriáceos e flores violáceas de 6-7 cm. Outros ipês parecidos são: 1) *T. heptaphylla* (Vell.) Tol., com sete folíolos e restrito praticamente ao Rio de Janeiro; 2) *T. ipe* (Mart.) Standl., de ampla dispersão desde a Amazônia à Argentina e Paraguai, e apresentando cinco folíolos.

46 — ITAÚBA

Mezilaurus itauba (Meissn.) Taub., laurácea maior do que o tapinhoã, inclusive as folhas (acima de 4 cm de largura). É das Guianas, Pará e Mato Grosso. A madeira é semelhante à daquela espécie, porém, mais pesada, dura e incorruptível, não absorvendo umidade e sendo relativamente fácil de trabalhar. É considerada a mais prestativa madeira de construção, principalmente naval, do Baixo Amazonas, substituindo a teca em muitas instâncias; serve ainda na carpintaria, obras externas e dormentes; resiste ao gusano.



Jacarandá-da-bahia



Jacarandá-do-cerrado, *Dalbergia violacea* (Vog.), em Brasília

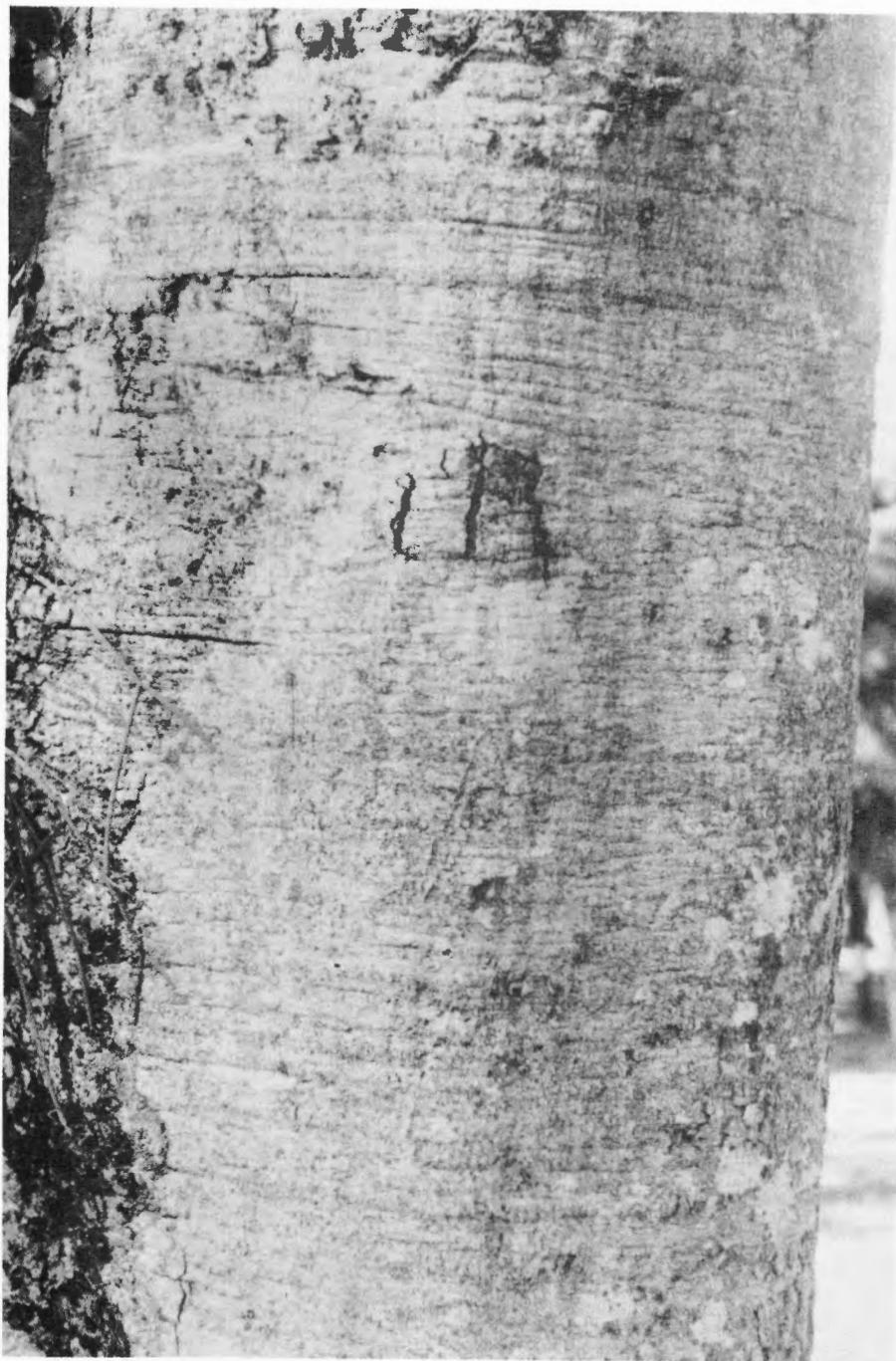
Os frutos resinosos podem ser manducados e permitem o preparo de um vinho mediante fermentação.

47 — JACARANDÁ-DA-BAHIA

Jacarandá é vocábulo aplicado popularmente a numerosas espécies de leguminosas dotadas de lenho escuro e valioso, pertencentes a gêneros discrepantes e até a subfamílias distintas — como *Dalbergia* e *Swartzia*. O mais famoso e caro dos jacarandás é o chamado *jacarandá-da-bahia* (*cabiúna*, *jacarandá*, *jacarandá-preto*), que vem a ser *Dalbergia nigra* (Vell.) Fr. All., leguminosa-fabóidea. Árvore em geral mediana, alcançando diâmetro máximo de 120 cm, com folíolos oblongos e escavados no ápice, flores pequeninas e frutos alados e delgados, medindo 5-8 cm. Ocorre desde o sul da Bahia, onde já escasseia, até São Paulo, onde não mais existe. Madeira pardo-escuro-violácea com listas ou manchas negras, podendo apresentar-se bege-rosada com reflexo alaranjado e mesmo estrias, pesada, dura, durável, rachando facilmente, levemente odorífera; toras comumente brocadas, vazias no centro, dando um rendimento em madeira desdobrada pequeno, porém, compensador graças ao alto preço que alcança. É a mais valiosa madeira do Brasil pela intensa procura; usam-na para folheados em geral, em grande escala, móveis luxuosos e caríssimos, objetos decorativos e de escritório, caixas finas, estojos, cabos de faca e de escova etc.

No cerrado, é vulgaríssimo um jacarandá semelhante, designado geralmente como *Dalbergia violacea* (Vog.) Malme (antes: *D. mischolobium* Benth.), cujo lenho é quase tão belo e prestativo quanto o do jacarandá-da-bahia; dizem-no *jacarandá-do-cerrado* e *cabiúna-do-cerrado*. Mas, dificilmente se consegue uma árvore de dimensões satisfatórias para serrar. Leva folíolos coriáceos e grossa casca sulcada.

D. spruceana Benth., idêntica às duas anteriores, encontra-se na Hiléia sob o nome de *jacarandá-do-pará*; possui folíolos ovados duas vezes maiores e três vezes mais largos.



Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.), Jardim Botânico, Rio de Janeiro

No Maranhão, "jacarandá" é termo aplicado a *Swartzia flaemingii* Raddi var. *psilonema* (Harms) Cowan, com lenho pardo-escuro e grandes frutos, a qual vegeta no cerrado e na mata, donde procede realmente; as flores com uma pétala magna e alva caracterizam-na bem.

48 — JACARANDÁ-PARDO

Machaerium villosum Vog., leguminosa-fabóidea, o conhecido *jacarandá-paulista*. Árvore de uns 12 m × 40 cm, com folíolos oblongo-lanceolados, vilosos inferiormente, flores minutas alvacentas e sâmara semelhante à da caviúna-vermelha (cf.). Dissemina-se de Minas Gerais ao Paraná. Madeira que vai do pardo-claro-amarelado ao pardo-violáceo-escuro, com raias ou manchas escuras, quase negras em certas amostras, às vezes arroxeadas, lisa, compacta, com odor fraco e agradável, muito pesada, dura e resistente à putrefação. Preferida para móveis luxuosos, balcões, lambris, caixilhos, tacos, esquadrias, compensados, dormentes etc.

Similar, embora muito menos procurado, é o *bico-de-pato* ("jacarandá", do Pará ao Ceará), *Machaerium acutifolium* Vog., dotado de lenho pardo-violáceo, muito duro e pesado, que discrepa do antecedente pelos folíolos ovado-lanceolados e praticamente glabros; estende-se do Pará até São Paulo e Mato Grosso, não sendo raro no cerrado, conquanto seja de índole silvestre.

49 — JACARÉ

Piptadenia gonoacantha (Mart.) Macbr., mais conhecida como *P. vulgaris* Benth., sinônimo, leguminosa-mimosóidea. Árvore mediana logo identificada pelos ramos percorridos por asas lenhosas e aculeados, com folíolos mínimos, flores de apenas 2 mm e legumes oblongos (7-10 cm). Ocorre do Piauí a São Paulo, na mata

pluvial. Madeira acastanhada, especialmente indicada como lenha e para fabricar um carvão que é tido como dos melhores existentes.

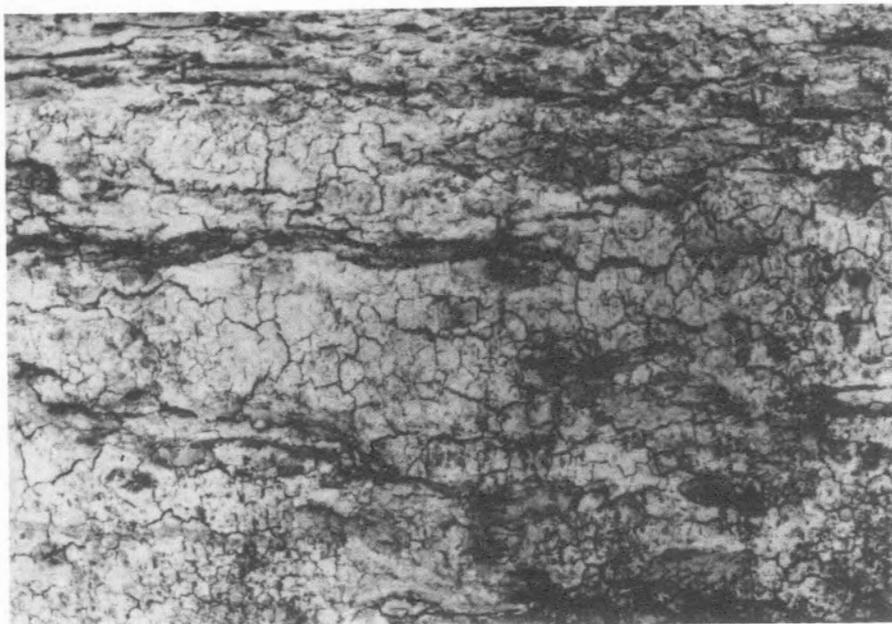
Freqüentemente convive com *P. colubrina* Benth., da qual se separa pelos ramos alado-aculeados, pelas inflorescências cilíndricas e ainda pelos frutos sem reentrâncias.

50 — JACAREÚBA

Calophyllum brasiliense Camb., gutífera. Árvore que anda entre 5 e 20 m por 30-50 cm, dotada de látex amarelo, folhas coriáceas e dotadas de numerosíssimas nervuras muito aproximadas, e flores polígamas pequeninas. Difunde-se por todo o território nacional, vindo desde a América Central e Antilhas. Madeira de róseo-pardacenta a bege-rosada, uniforme, áspera, pesada, dura e longamente durável. Utilizada em carpintaria, caixilhos, remos, barris para vinho, persianas etc.

51 — JATOBÁ

Vocábulo atribuído a várias espécies do gênero *Hymenaea*, das leguminosas-cesalpinióideas, possuidoras de lenho de lei e frutos comestíveis. O jatobá mais saliente, dito *jataí* ou *jutaí* na Amazônia, é *H. courbaril* L., árvore magna (até 40 × 2 m), com 2 folíolos oblíquos e pelúcido-pontuados, flores vistosas e grossos frutos indeiscentes, os quais contêm polpa farinhenta de sabor especial. Procede do sul do México e chega até a Bahia, sendo mais repartida na Hiléia. Madeira variando do róseo-pardacento ao pardo-avermelhado-escuro, lisa, muito pesada e dura, difícil de trabalhar, incorruptível fora do solo. Utilizam-na em construção pesada, obras hidráulicas, carroçaria, engenhos, postes, esteios, vigas e tonéis. A espessa casca lisa teve outrora serventia aos índios para construir leves canoas, extraindo-a por inteiro; o tronco exsuda a resina *jutaicica*, empregada na composição de vernizes.

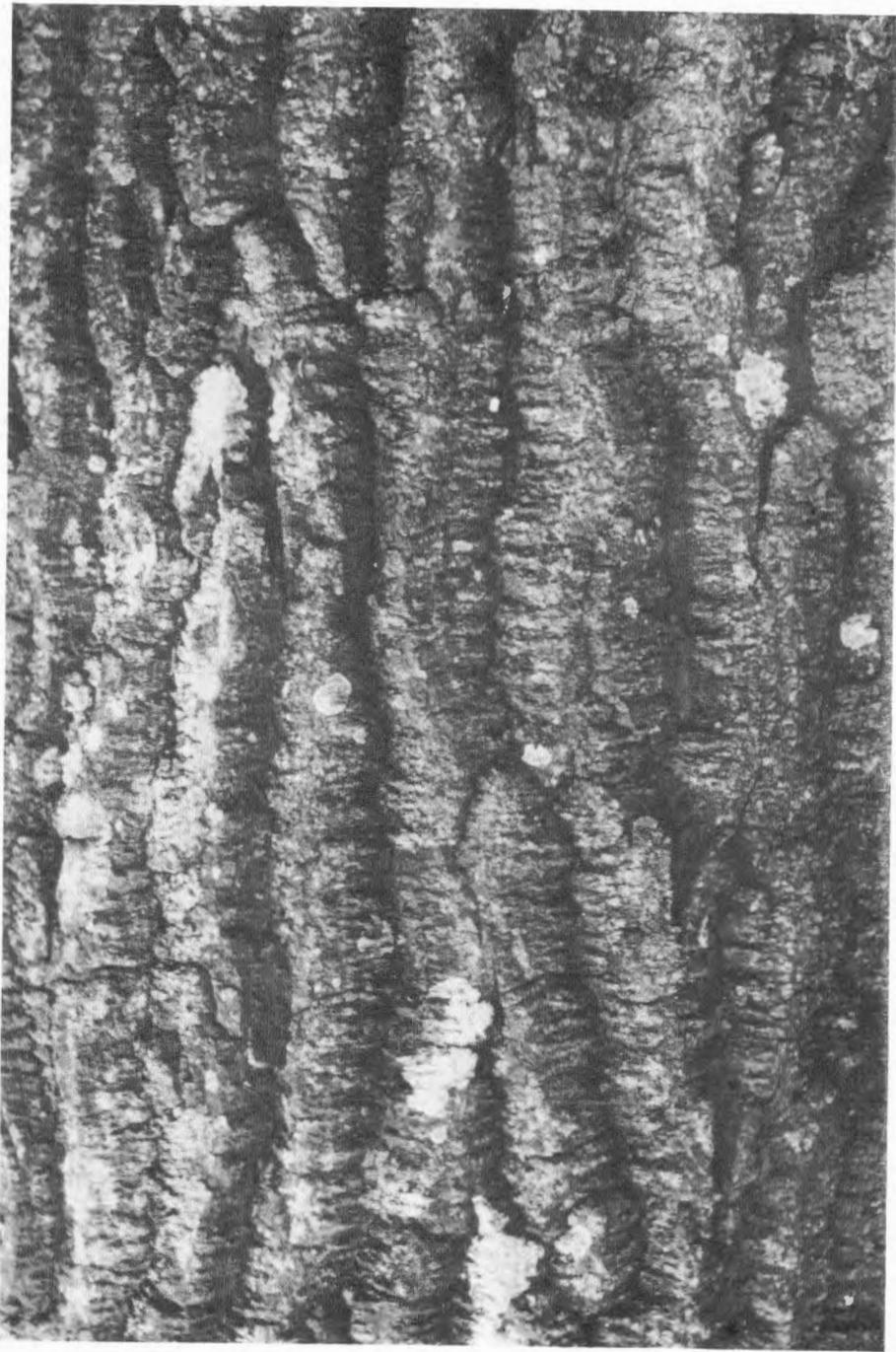


Tora de jatobá (*Hymenaea stilbocarpa* Hayne), dito jatobá-da-mata, numa serraria em Corinto, MG (1967)

Outro jatobá importante é *Hymenaea stilbocarpa* Hayne, árvore menor do que aquela e própria das matas secas do Planalto Central Brasileiro, desde o Piauí até São Paulo. Madeira e empregos como na anterior.

Por todo o cerrado do Brasil Central encontra-se *H. stagnocarpa* Mart., um jatobá bem menor do que os outros, caracterizado por folíolos crassos e pilosos, cerne mais escuro e frutos até 20 cm.

N. B. — A recente proposta de reduzir *H. stilbocarpa* a variedade de *H. courbaril* é inaceitável, segundo os nossos padrões de discriminação taxionômica.



Jequitibá-branco, *Cariniana legalis* (Mart.) O. Ktze.

Genipa americana L., rubiácea. Árvore que mede 4-15 m × × 20-40 cm, com folhas obovadas amplas e estipuladas, flores grandes (2,5 — 4 cm) e bagas globosas (9-12 cm) fortemente aromáticas. Ocorre por todo o território nacional e, fora daí, pela América tropical em geral, preferindo terrenos muito úmidos (embora não rejeite os mais secos). Madeira branco-acinzentada ou pardacenta, uniforme, lisa, relativamente pesada, macia, forte, flexível e de suficiente durabilidade. Procurada para coronhas, marcenaria, estatuetas, cabos de ferramenta, formas de sapato, tanoaria, marchetaria, palitos, gamelas, pilões, colheres de pau etc. A casca, rica em tanino, poderia ser usada em curtume. Os frutos verdes coram a pele de negro fixo, emprego que lhes davam os índios há séculos; maduros, servem para fazer licores e compotas.

G. caruto H. B. K., também neotropical e no Brasil somente hileiana, discrepa exclusivamente pelo indumento tomentoso da página inferior das folhas.

53 — JEQUITIBÁ (jequitibá-rosa)

Cariniana estrellensis (Raddi) O. Ktze., lecitidácea, antes chamada *C. excelsa* Casar., hoje sinônimo. Árvore gigantesca, colunar, que soi atingir 40 m de altura e mais de 2 m de diâmetro, com folhas elíticas crenado-denteadas, flores alvacentas de 5-6 mm e fruto capsular alongado, encimado por um opérculo ou tampa, contendo sementes aladas. É peculiar à floresta desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul (onde a denominam *estopeira*). Madeira róseo-avermelhada ou pardo-rosada, algo áspera ou lisa, moderadamente pesada, macia e bastante durável. Encontra aplicação para tabuado, carpintaria, esquadrias, caixotes, salto de sapatos femininos e atualmente para compensados.

Similar e com utilização idêntica é *C. legalis* (Mart.) O. Ktze. (antes dita *C. brasiliensis* Casar.), o afamado *jequitibá-branco*, que se dispersa de Pernambuco, onde dizem-no *pau-carga*, até São Paulo; distingue-se pelo fruto e folha menores; *C. estrellensis* é maior, mais freqüente e considerada de qualidade superior.

Pororoca, pau-ferro e beiju-de-coco (Bahia), é o *Dialium guianense* (Aubl.) Sandw. antes denominado *D. divaricatum* Vahl, leguminosa-cesalpinióidea. Árvore de 10 a 25 m por 40-90 cm, com folíolos ovado-acuminados, flores pequenas e apétalas, e fruto elipsóide de 2 cm, contendo polpa agridoce. Mostra ampla dispersão, do México a Minas Gerais e Mato Grosso. Madeira variável do bege-avermelhado ao pardo-avermelhado-escuro, com veios carregados, lustrosa, lisa, pesada e duríssima (donde os nomes “quebra-machado” e “pau-ferro”), difícil de trabalhar, resistindo à putrefação e ao gusano. Indicada para obras externas e hidráulicas, construções pesadas, vigas, dormentes, estacas e construção naval. O frutinho é comestível.

55 — LOURO-PARDO

Cordia trichotoma (Vell.) Arrab., bignoniácea. Árvore de 20-25 m × 30-60 cm, com folhas oblongas, ricas em pelos estrelados, as flores com 2 cm e o fruto minuto encimado pela corola seca semelhante a um pára-quedas. Ocorre nas matas e capões do Ceará ao Rio Grande do Sul, passando dos países vizinhos. Madeira pardoclaro, uniforme em geral, lustrosa, algo áspera, de cheiro agradável fraco, não muito dura, leve e durável. Indicada para marcenaria, mobiliário, lambris, persianas, réguas, embarcações ligeiras, hélices de avião, tonéis e coisas do mesmo naipe. Na Bahia, dizem-na *mutamba* (que no Nordeste é a tiliácea *Guazuma ulmifolia*, sem valor como lenho).

56 — LOURO-VERMELHO

Ocotea rubra Mez., laurácea. Árvore de uns 20 m × 60-80 cm, com folhas obovadas e reentrantes no ápice, flores rubras em seco e pequeninas e o fruto cupulado. Espalha-se pela Hiléia. Madeira pardo-avermelhada com brilho dourado, lustrosa, algo áspera, perfumada quando fresca, leve (flutuando na água), dura, forte e

resistente ao apodrecimento. Encontra utilidade para tabuado em geral, construção, móveis, canoas escavadas em tronco inteiro, assemelhando-se ao mogno e ao cedro (que são meliáceas).

Outra laurácea de madeira vermelho-pardacenta é *Persea cordata* (Vell.) Mez., que cresce de Minas Gerais a Santa Catarina, sob os nomes de *maçaranduba* (MG) e *pau-andrade* (SC); só tem aplicação local para dormentes, caibros e obras de entalhe, por ser macia. Maçaranduba pertence de direito ao gênero *Manilkara* (cf.), das sapotáceas.

57 — MACACAÚBA

Platymiscium trinitatis Benth., leguminosa-fabóidea. Árvore grande na mata com folíolos elíticos e membranáceos, flores vistosas e exalando perfume de violeta, e fruto indeiscente de 8-12 cm. Habita a Hiléia, mas foi observada em Trinidad. Madeira variando do pardo-avermelhado até o vermelho-escuro, ornamentada com faixas largas e muito escuras, longitudinais, e reflexo violáceo, podendo chegar a mostrar-se quase negra (lembrando bastante o jacarandá-da-bahia), dura, pesada e incorruptível. Magnífico lenho para ebanisteria e marcenaria de luxo, tacos em geral e marimbas.

Muito próximo, com igual madeira e utilização é *P. ulei* Harms, das várzeas hileianas, também dito macacaúba.

58 — MAÇARANDUBA

Manilkara elata (Fr. All.) Monac., sapotácea. Árvore que atinge 35 m × 150 cm, com folhas prateadas inferiormente, flores com estaminódios largos e bagas pequenas. Habita a floresta pluvial, desde a Bahia até o Rio de Janeiro. Madeira vermelho-viva, que se torna vermelho-pardacenta com leve tonalidade violácea, uniforme, lisa, pesada, dura, compacta e extremamente refratária à putrefação e ao gusano. Recomenda-se para obras externas, estacas, vigas, arco de violino e usos idênticos, sendo, ainda, útil para mastros, dormentes, pisos, tacos de soalho e de bilhar.

A maçaranduba setentrional, *M. huberi* (Ducke) Standl., que vai do Amazonas ao Maranhão e Mato Grosso, semelhante quanto ao lenho e empregos, diverge da anterior pelas folhas amarelo-par-dacentas na face inferior e aí dotadas de retículo venoso. O látex dessecado de *M. huberi* é o que se chama *balata*, um produto plástico natural que difere da borracha por ser duro; mas é uma balata inferior, valendo mais a madeira.

A *maparajuba*, *M. paraensis* (Huber) Standl., ainda com cerne parecido, afasta-se de *M. huberi* apenas pelas folhas e pedicelos mais curtos, e estaminódios do mesmo comprimento que os estames; é menos procurada.

N. B. — A voz *maçaranduba* ouve-se de Minas Gerais a Santa Catarina aplicada a uma árvore e lenho completamente diversos: *Persea cordata* (Vell.) Mez., também dita *abacate-do-mato* e *pau-andrade* (SC), das lauráceas. A madeira parece-se, pela cor, com a de *Manilkara*, sendo mais leve e muito mais macia, fácil de entalhar e durável. Usam-na, sobretudo, para dormentes, caibros e obras de entalhe.

59 — MARUPÁ

Simarouba amara Aull., simaroubácea, que se diz também *paraíba* e *parariúba*. Árvore de até 25 m × 80 cm, com muitos folíolos elíticos e coriáceos flores inconspícuas e pequeninas drupas (10-15 mm). Estende-se das Índias Ocidentais até a Bahia, sendo comum na Hiléia. Madeira branco-suja ou amarelada, porosa, leve, macia, muito fácil de manejar, bastante amarga e inatacável pelo cupim, mas apodrecendo e embolorando facilmente. Sendo semelhante a *Tabebuia cassinoides*, estima-se para forros, caixotes, tamancos, saltos de sapato, palitos de fósforo, molduras, portas, instrumentos musicais e promissora para produzir pasta para papel. A casca da raiz, muito amarga, é considerada medicinal.

Outra paraíba (também chamada *mata-cachorro*), comum no cerrado e caatinga, é *S. versicolor* St. Hil., sem préstimo.

60 — MUIRAPIRANGA

Brosimum paraense Huber, morácea, ainda batizada de *conduru* e *conduru-de-sangue*, na Bahia. Árvore que alcança 20 m × 40-70 cm, com folhas oblongas e caudadas, flores mínimas, apinhadas num receptáculo esférico e frutos insignificantes. Vai do Amazonas ao sul da Bahia. Madeira vermelho-intensa, vez por outra com nuance violáceo, uniforme ou manchada, brilhante, lisa, dura, pesada, compacta, mas fácil de trabalhar, contendo corante sangüíneo. Útil em marcenaria, bengalas, réguas, ebanisteria, construção civil e naval etc.

Botanicamente relacionada com ela é *B. guianense* (Aull.) Huber, ou *muirapinima*, dispersa pela Amazônia em geral; o cerne é rubro ou rubro-amarelado e maculado de pintas pretas, comumente esmaecidas no centro de modo a lembrar o couro de onça; duríssima, difícil de manejar e incorruptível. Por isso, frequentemente, usam-se árvores mortas cujo alburno, muito espesso, já foi decomposto. Fornecendo pouco lenho utilizável, só encontra aplicação em pequenos objetos de luxo, como bengalas, réguas, cabos de instrumentos, estatuetas e estojos.

61 — MUIRAQUATIARA

Astronium lecointei Ducke, anacardiácea. Grande árvore semelhante ao gonçalo-alves, da floresta amazônica. Madeira, de quase branca ao cortar, passa a amarelo-pardacenta com listas longitudinais escuras, chegando a ser bastante escura quando velha. Empregos iguais aos do gonçalo e mirueira (cf.), sendo dos mais belos lenhos da Hiléia.

62 — OITICICA

Clarisia racemosa R. & Pav. morácea, outrora dita *C. nitida* (Fr. All.) Benth. & Hook. Árvore de 25-30 m × 60-100 cm, com folhas ovado-oblongas e longamente acuminadas, flores unissexuais em espigas, e frutos drupáceos medindo cerca de 2-3 cm. Muito comum na Amazônia, chega até o Rio de Janeiro; lá é denominada

guariúba. Madeira amarelo-clara ou menos vezes amarelo-pardacenta, uniforme, lustrosa, pouco áspera, relativamente pesada e dura, bastante durável (não no solo), recebendo acabamento liso. Apreciam-na para fazer canoas escavadas em tronco inteiro, construção, carpintaria e calhas para conduzir água (que não absorve).

Muito precida e bastante mais rara é *C. biflora* R. & Pav., que se estende desde o México até a Hiléia.

Chlorophora tinctoria (L.) Gaud. é a *taiúva* ou *tatajuba*, *amoreira* ou *fustic*, de madeira semelhante à da oticica; difunde-se por toda a América tropical e no Brasil desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul; já mencionada como planta tintorial.

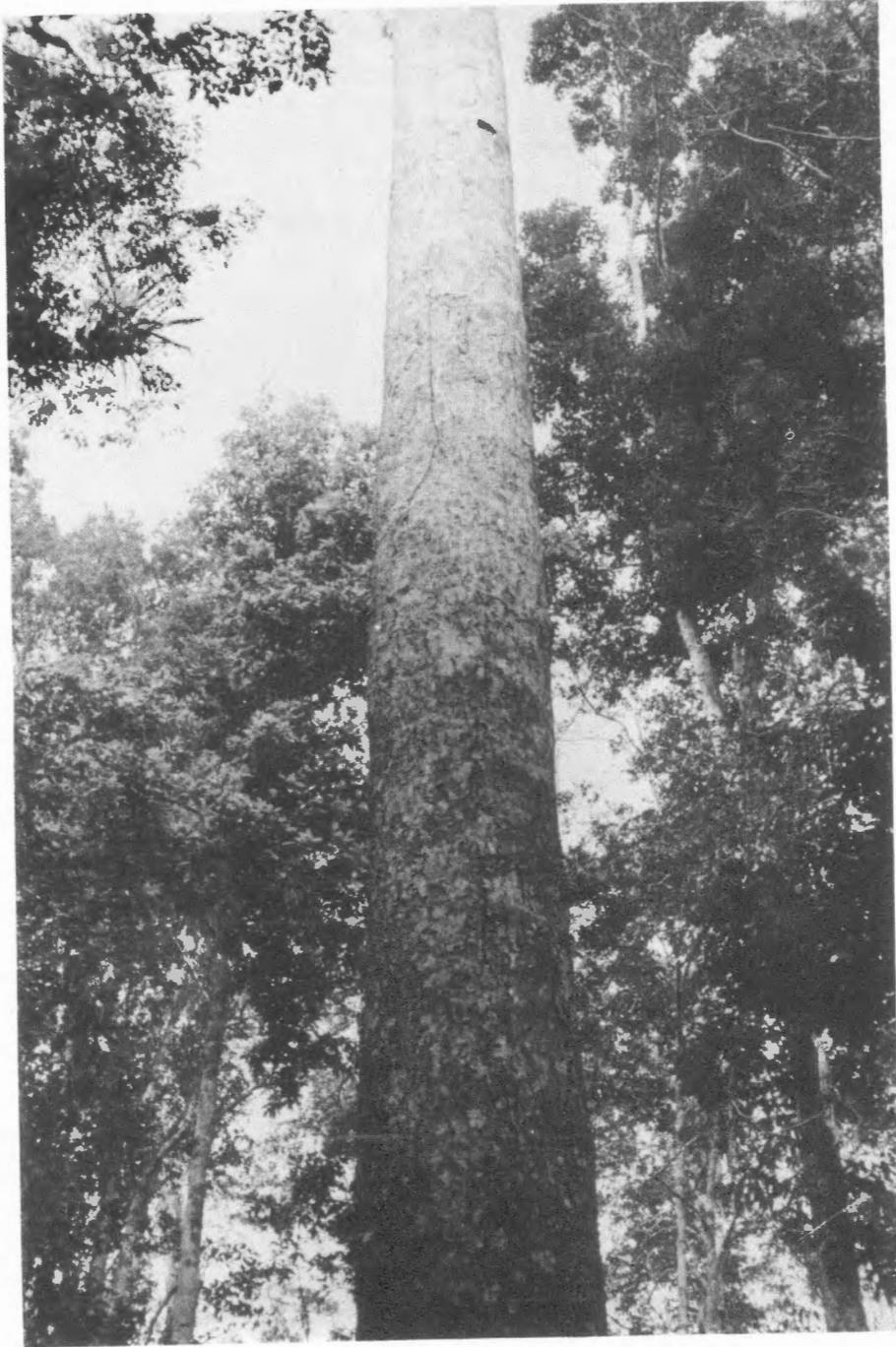
63 — ÓLEO-PARDO

Conhecida, ainda, por *cabriúva-parda* e *caboreíba*, vem a ser *Myrocarpus frondosus* Fr. All., leguminosa-fabóidea. Árvore que pode alcançar perto de 25 × 1 m, com folíolos oblongo-acuminados e translúcidos, flores verde-amareladas de 1 cm e sâmara com asa em torno da semente central, medindo 5-9 cm. É própria da floresta pluvial que corre do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul, passando à Argentina. Madeira pardo-rosada ou mesmo pardo-avermelhado-escuro, aromática, áspera, pesada, dura e muito durável. Serve para construção civil, obras externas, móveis, balcões, rodas, canoas, arcas e gavetas (que perfumam a roupa). Do tronco perfurado dimana excreção aromática.

M. fastigiatus Fr. All. é acentuadamente semelhante ao supra-descrito, diferindo por pequenos fatos relativos à morfologia floral; é, porém, de área restrita ao Rio de Janeiro; madeira e empregos iguais.

64 — ÓLEO-VERMELHO (bálsamo)

Myroxylon balsamum (L.) Harms, leguminosa-fabóidea; designa-se ainda por *cabriúva* e *cabriúva-vermelha*; cientificamente, tem



Paraju, *Manilkara longifolia* (DC.) Dub., no sul da Bahia Enorme tronco

como sinônimo *M. peruiiferum* L. f. Árvore que chega a 20 m × 50 cm, com folíolos ovado-acuminados de até 10 cm, flores alvas e fruto alado, aromático, de 5-8 cm e percorrido por uma crista excêntrica. É de ampla dispersão, espalhando-se desde o sul do México até o norte da Argentina; é comum na Bahia, Paraná e Mato Grosso. Madeira castanho-avermelhada finamente listada, algo áspera, com odor peculiar (encerra óleo essencial destilável), pesada, dura e resistente à deterioração. Utilizável em construções civil e naval, pontes, estruturas externas, mancais, cabos de ferreamenta, macetas, carroças, tacos, painéis e assim por diante. Mediante lesão, o tronco cede exsudato denominado *bálsamo do Peru* ou de Tolu, espesso líquido rubro e bastante aromático, outrora muito propinado como expectorante e calmante nas cistites; hoje, só a perfumaria e as balas sedativas da tosse empregam-no.

65 — PARAJU

Manilkara longifolia (DC.) Dub., sapotácea. Árvore que atinge 30 m × 150 cm, dotada de folhas oblanceoladas de 18-25, flores pequenas e baga de até 4 cm no diâmetro. Vive lado a lado com a maçaranduba oriental, *M. elata* (cf.), no sul da Bahia e norte do Espírito Santo, cuja madeira e utilização copia. O lenho pode ser um pouco mais escuro no paraju.

66 — PAU-AMARELO

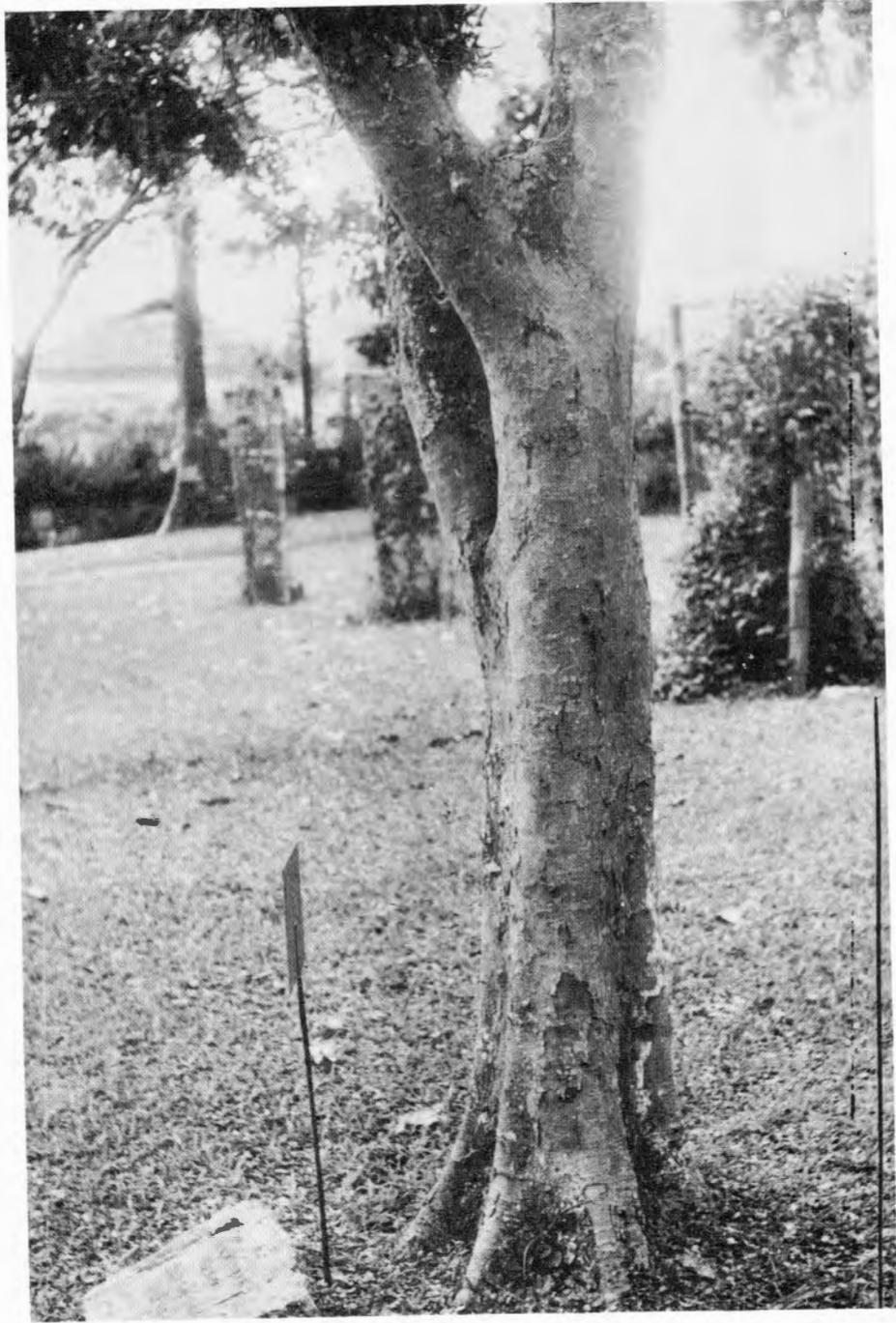
Euxylophora paraensis Huber, rutácea; ou *pau-cetim* e *pequiá-cetim*. Árvore de 25-30 m × 1 m, com folhas obovadas (até 25 cm), flores perfumadas e vistosas, e cápsula pilosa de 2 cm. Conhecida tão-somente entre o Baixo Tocantins e o oceano, no Pará. Lenho praticamente igual ao guarantã (cf.), porém, mais estimado; consideram-no uma das madeiras paraenses de melhor qualidade, para partes internas de casas luxuosas, móveis, lambris, parquete, tacos etc. O gênero é monotípico.

67 — PAU-BRANCO

Auxemma oncocalyx (Fr. All.) Baill., boraginácea. Arvoreta de 6-8 m × 15-25 cm, às vezes cespitosa, com folhas oblongas não raro serruladas e frutos ocultos numa vesícula em forma de balão formada pelo cálice, medindo 5-8 cm. É própria do sertão cearense, aparecendo no Rio Grande do Norte; perde a folhagem durante a seca. Madeira pardo-arroxeadada ou violáceo-escuro, ao ar ficando pardo-clara, lisa, brilhante, pesada, dura, forte, difícil de apodrecer. Emprega-se em móveis, vigas, soalhos, caixões, estacas, mourões etc. O gado manduca a folhagem tida como forragem nutritiva. Chamam-na também *pau-branco-preto*, para discerni-la de *A. glazioviana* Taub., o *pau-branco-louro* do Ceará, que é semelhante e adequada a fins idênticos; esta é bem mais rara e leva fruto e cálice duas vezes menores.

68 — PAU-BRASIL

É o *ibirapitanga* dos indígenas litorâneos, a *Caesalpinia echinata* Lam. dos botânicos, leguminosa-caesalpinióidea. Dela derivou o nome da pátria, a antiga Terra de Santa Cruz, época em que era importantíssimo objeto de exportação para a Europa; o interesse por este lenho provinha do corante que cede e que era usado para tingir roupa e fazer tinta de escrever. Árvore pequena de uns 10-15 m × 20-40 cm, comumente aculeada, com folíolos emarginados, flor lítea, vistosa e perfumada, e cápsula coberta de acúleos pungentes. Ocorre numa faixa ao longo do litoral, desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro, mas não na floresta pluvial úmida. Madeira uniformemente laranja ou vermelho-alaranjada que se torna vermelho-violácea com reflexo dourado após o corte, brilhante, lisa, muito pesada e dura, incorruptível. Atualmente é escassa e somente empregada na confecção de arcos de violino, para o que se exporta em pequenas quantidades. Ocasionalmente, é mencionada pela voz *orabutã*.



Pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.)

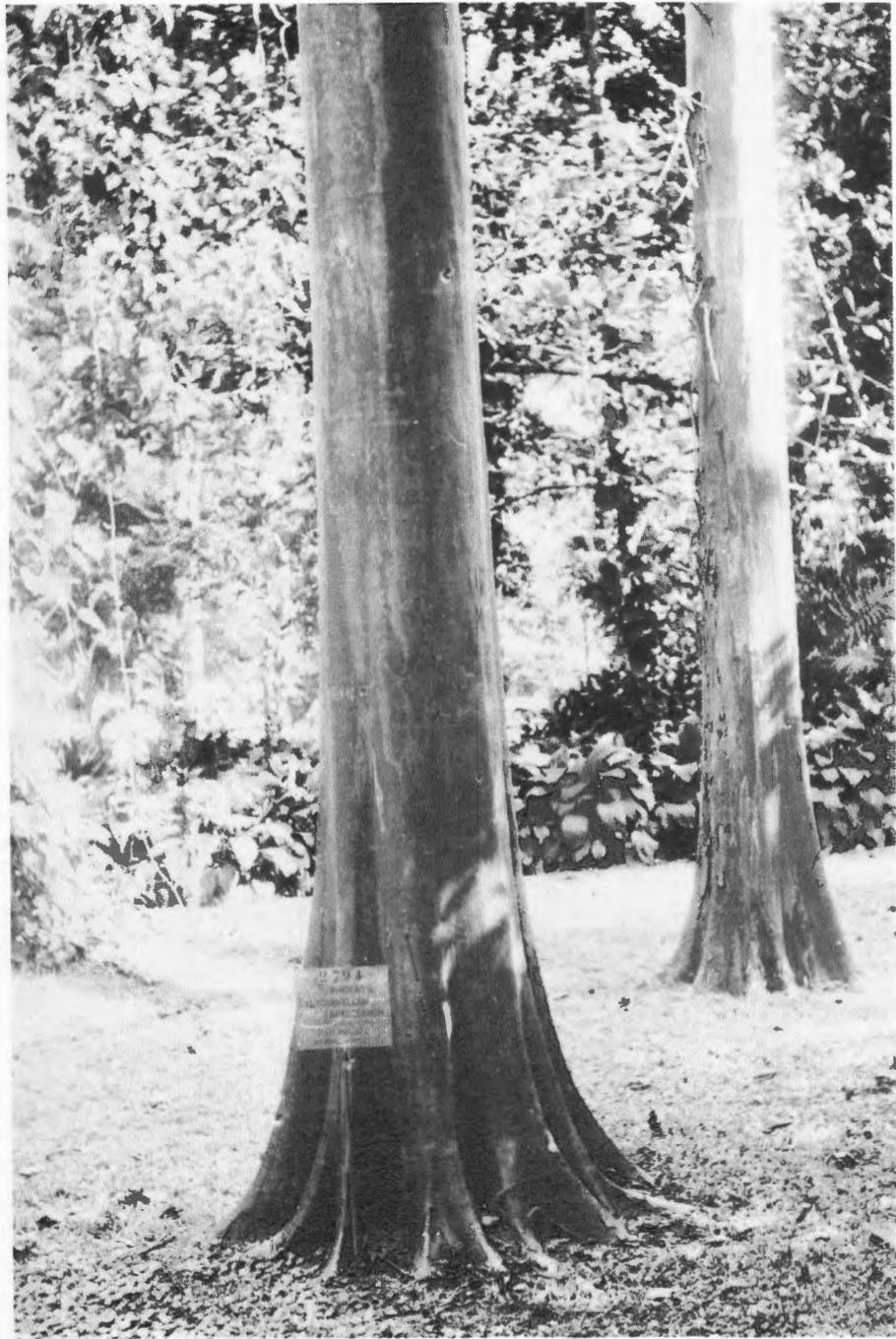
Outra cesalpínia digna de menção é o *jucá* do Nordeste, também denominado *pau-ferro*, habitante da caatinga e da mata pluvial que é *C. ferrea* Mart. Naquela é árvore pequena, nesta é grande, fácil de conhecer graças ao tronco enfeitado com manchas mais claras e legumes lisos, duros e aromáticos; o lenho castanho, não raro bastante escuro, muito pesado, duríssimo e imputrescível, só poderá encontrar utilização em construções pesadas e obras externas rústicas.

69 — PAU-DE-BALSA

Ochroma pyramidale (Cav.) Urb., anteriormente dito *O. lagopus* Sw., bombacácea ainda denominada *balsa* e *pau-de-jangada*. Árvore de 10-30 m × 40-100 cm, com folhas ovadas e cordadas, amplas, flores até 15 cm e pilosas, e magna cápsula (até 25 cm) com pequenas sementes envoltas em densa paina. Sua área de dispersão cobre a extensão compreendida entre o sul do México e a Bolívia, Peru e Amazônia, em cuja metade ocidental é encontrada. Madeira pardacento-clara ou amarelo-alvacentas, muito leve, elástica e macia, lustrosa e aveludada ao tato; flutua livremente na água. É o material ideal para a construção de jangadas e balsas destinadas à navegação fluvial onde haja recursos escassos. Apodrece rapidamente em contato com o solo. Serve para confeccionar salva-vidas, bóias e brinquedos, sendo ainda um bom isolante térmico. Caixas para frutas e peixes resfriados poderão ser feitas de balsa. O Equador é o seu principal produtor. A paina (*kapok*) tem utilidade para encher almofadas e travesseiros. Outro lenho para jangadas é o *pente-de-macaco* (cf.).

70 — PAU-MARFIM

Balfourodendron riedelianum Engl., rutácea, às vezes dita "marfim" e "guatambu". Árvore de cerca de 20 m × 40 cm, com folhas trifolioladas, flores minutas (2-3 mm) e fruto pequeno incluído em 4 asas radiadas de 2,5-4 cm. Comum de São Paulo ao Rio Grande do Sul e países vizinhos. Madeira branco-amarelada,



Pau-mulato (*Calycophyllum spruceanum* Benth.). Jardim Botânico, Rio de Janeiro. Nota-se a casca peculiar, lisa

depois branco-suja, uniforme, brilhante, lisa, pesada, dura, forte e pouco resistente à putrefação. Procuram-na para móveis, hélices de avião, cabos de ferramenta, formas de sapato, tacos de soalho e de bilhar, régua, objetos torneados, forros, portas, janelas etc. É o mais importante dos lenhos oriundos de rutáceas.

71 — PAU-MULATO

Calycophyllum spruceanum Benth., rubiácea. Árvore de grandes dimensões, distinguida imediatamente pelo tronco reto vestido de lisa casca parda; as folhas oblongas possuem estípulas, as flores medem 10-12 mm e cápsulas 8-10 mm. Dissemina-se por toda a Amazônia, sobretudo nas várzeas ao longo dos grandes rios. Madeira branco-pardacenta, uniforme, lisa, algo pesada e dura, compacta e bastante durável. Utilizável em marcenaria, esquadrias, veículos, caixas e para compensados. De Belém sai com o nome impróprio de "pau-marfim". Tem sido indicada para fabricar pasta para papel.

C. multiflorum Gris., importante essência argentino-paraguaia, espalha-se até o sudoeste de Mato Grosso; discrepa do pau-mulato pelas folhas menores (até 6 cm).

72 — PAU-PEREIRA (folha-de-bolo)

Platycyamus regnellii Benth., leguminosa-fabóidea. Árvore por via de regra de 20 m × 40-60 cm, com folíolos amplos e rômnicos, flores especiosas (15 mm) violáceas e legume oblongo-obovado de 9-15 cm. Distribui-se desde o sul da Bahia até Goiás austral e São Paulo, na mata, mas penetrando ocasionalmente no cerrado. Madeira de róseo-pálida a vermelho-rosada, uniforme, de aspecto fibroso, com nítidos círculos concêntricos (anéis de crescimento), pesada, dura e duradoura. Tem serventia para construções, partes internas de móveis, vigas, carroçaria, cabos de ferramenta, barris, postes, esteios e eixos de carros de boi.

Note-se que o comum *pau-pereira* do Nordeste, Leste e Sul é a apocinácea *Geissospermum laeve* (Vell.) Baill., cuja casca amaríssima encerra alcalóides hipotensores; o lenho não presta.

Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth., leguminosa-cesalpinióidea, também referida como *guarabu* (Espírito Santo e Bahia) e *barabu*. Árvore grande das matas (até 25 m × 70 cm) e pequena no cerrado, onde é ocasional, com 2 folíolos fortemente oblíquos e dotados de pontos translúcidos à lente, flores pequenas e legume circular medindo 4-5 cm. Desce do Piauí até São Paulo, mas falta no Rio de Janeiro. Madeira ao ser cortada pardo-escuro, logo virando para roxa e escurecendo aos poucos, uniforme, lisa, muito pesada e dura, mas boa para trabalhar à mão, tomando excelente polimento e altamente durável. Não confundir com itapicuru (*Goniorrhachis marginata* Taub.), madeira semelhante à descrita, porém restrita a uma pequena área do Espírito Santo. O pau-roxo é madeira valiosa para ebanisteria, segeria e marcenaria. Em Timon, Maranhão, é bastante trabalhada nos rústicos artesanatos locais, ensejando a produção de lindos objetos torneados, que recebem brilho especial mediante fricção com cera de carnaúba. Empregos mais prosaicos são: obras externas, carroças, tacos, raios e cubos de roda, pontes, vigas, dormentes e coisas do mesmo naipe.

Outros pau-roxos dignos de nota são: 1) *Peltogyne lecointei* Ducke, o *amarante* das matas de terra firme do Pará, muito semelhante ao anterior e identicamente utilizado; 2) *P. discolor* Vog., da floresta atlântica fluminense-espíritossantense, cujo lenho é idêntico.

Zollernia paraensis Huber, leguminosa-cesalpinióidea, também denominada *muirapinima-preta* e *coração-de-negro*; outro nome científico, sinônimo, é *Z. ulei* Harms. Árvore de uns 15-25 m de altura, com folhas elíticas e brilhantes, flores róseas vistosas e frutos globosos de uns 3 cm. Distende-se do leste e sudeste paraense até Pernambuco. Madeira pardo-avermelhado-escura, às vezes quase negra, ornamentada com grandes máculas amarelo-esverdeadas, lustrosa, lisa, tomando magnífico polimento, muito pesada, dura e

durável. Das mais belas madeiras, indica-se para marcenaria de luxo, cabos de faca, tacos de bilhar, cabos de escovas, caixas finas e objetos semelhantes.

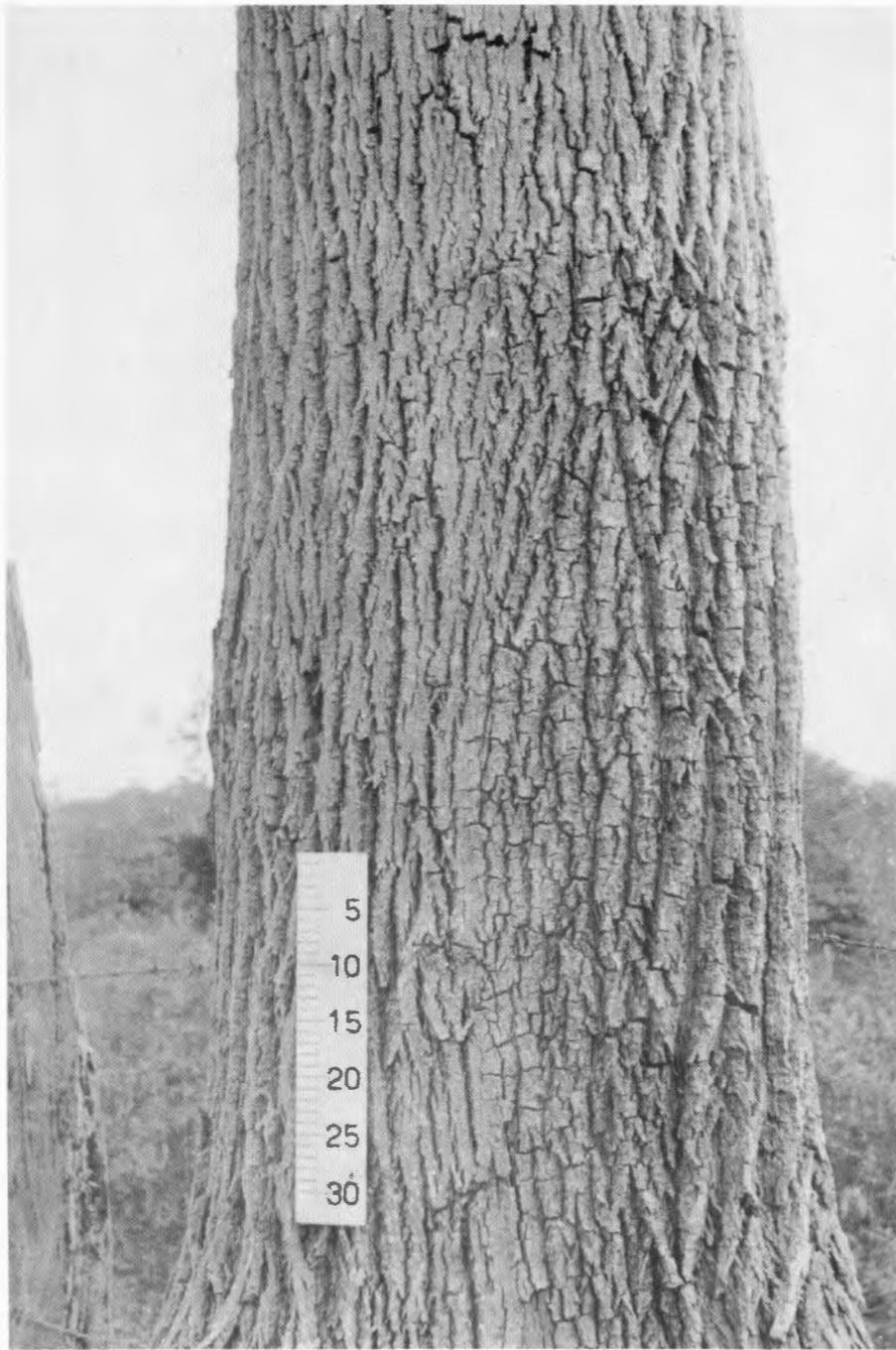
Zollernia ilicifolia Vog., muito conhecida como *mucitaíba* e *orelha-de-onça*, vai da Bahia ao Rio Grande do Sul (onde chamam-na *carapicica*); a madeira, duríssima, pesada e compacta, é amarelo-acastanhado-pálida ou pardo-amarelado-clara, embelezada por listras e manchas escuras ou mesmo pretas; chega a parecer-se notavelmente com o jacarandá-da-bahia e tem sido vendida em lugar deste; destina-se a construção civil e naval, esteios, marcenaria, tacos de bilhar, cabos de faca, escovas, ferramentas e para dormentes.

75 — PEROBA-DE-CAMPOS

Paratecoma peroba (Record) Kuhl., bignoniácea. Árvore que chega a 40 m × 2 m, com folhas digitadas, flores tubulosas de 3-3,5 cm e vagem de uns 20-32 cm, cheia de sementes aladas. Dispersa-se do centro da Bahia até Minas Gerais e Espírito Santo. Chamam-na *ipê* na Bahia e *peroba*, simplesmente, no comércio. A madeira vai do bege-amarelado ao pardo-acastanhado uniforme, algo áspera, pesada, dura e resistente ao apodrecimento; contém uma substância cristalizada visível dita *lapachol*, sob a forma de finíssimos cristais. É utilizada de múltiplas maneiras em construção civil e naval, carroçaria, esquadria, tacos, portões, vagões etc.

76 — PEQUI

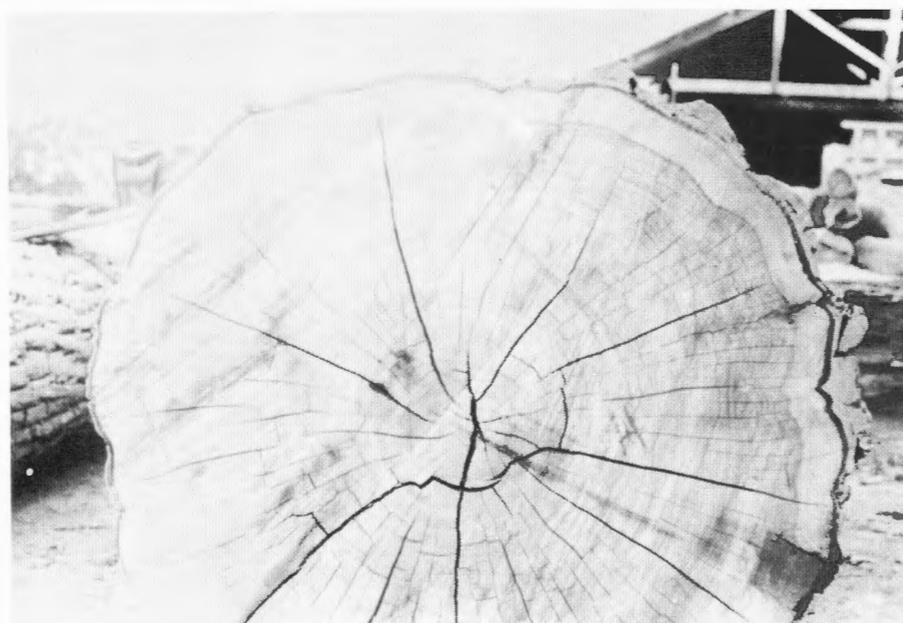
Ou *pequi-merindiba*, vem a ser *Caryocar barbinerve* Miq., cariocaráceo. Árvore gigantesca da floresta pluvial baiano-espíritossantense, com folhas trifolioladas, folíolos serreados e frutos dotados de endocarpo repleto de longas e grossas agulhas (feito ouriço do mar); chega a medir quase 3 m de diâmetro. Madeira indo do amarelo ao pardo-claro-amarelado, uniforme, áspera, pesada, dura



Peroba-de-campos, *Paratecoma peroba* (Record) Kuhl., com cerca de 12 anos. Bahia



Pequi (*Caryocar barbinerve* Miq.)



Tora de peroba-de-campos

e muito durável, resistindo bem ao gusano ou teredo. Adequada às construções civil e naval (costados, cavernames e conveses), dormentes, rodas de carro, assoalho, esteios, vigamentos e muito estimada para compor canoas de tronco inteiro (cf. *Oiticica*).

Espécies congêneras que poderiam ter emprego semelhante são: 1) *Caryocar coriaceum* Wittm., dos chapadões quartzíticos desde o Piauí à Bahia (vulgaríssima na Chapada do Araripe); 2) *C. cuneatum* Wittm., amplamente difundida nos cerrados do Piauí e Maranhão; 3) *C. brasiliense* Camb., característica dos cerrados do Brasil Central. Estas três árvores são notavelmente espessas, mas delas o povo retira os frutos, que fornecem polpa comestível e óleo para uso na culinária doméstica.

Ao contrário, *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers., o *pequiá* freqüente em toda a Hiléia, cede lenho tão utilizado quanto o acima descrito, conquanto suas drupas mereçam igualmente o favor popular (as sementes contêm cerca de 70% de gordura).

77 — PENTE-DE-MACACO

Também dita *pau-de-jangada*, é *Apeiba tibourbou* Aubl., tiliácea. Árvore que vai a 30 m, embora usualmente seja menor, com folhas ovado-oblongas e acuminadas, revestidas de pelos estrelados, flores pequeninas e cápsula globosa toda eriçada de setas até 15 mm. Procede do sul do México e chega ao Brasil Central, mostrando-se freqüentíssima na Amazônia. Madeira branco-pardacenta, muito leve e macia, flutuando livremente na água. É bastante usada na fabricação de jangadas no litoral nordestino (fustes inteiros, compridos e delgados); serviria, ao demais, para a produção de pasta celulósica destinada à indústria de papel.

Há várias espécies do mesmo gênero e semelhantes em todos os detalhes. *Apeiba albiflora* Ducke pouco difere da supra-consignada: pelas setas capsulares moles e corola alva; vai do Pará ao Ceará (serras), onde é chamada de *jangada* e merece a mesma utilização. Cf. *paud-de-balsa*, *Ochroma*, bombacácea, que é similar.

78 — PEROBA-ROSA

Também designada como *sobro* (ES), é *Aspidosperma polyneuron* M. Arg. (sinônimo: *A. peroba* Fr. All.), apocinácea. Vasta árvore que alcança 35 m × 150 cm, com fruto muito pequeno e folhas providas de nervuras bem apertadas. Cresce na floresta atlântica desde a Bahia até o Paraná, Argentina, Paraguai e Peru, sendo muito abundante. Madeira vai do róseo-amarelado ao amarelo-queimado levemente rosado; geralmente é vermelho-rosada e uniforme, pesada, dura e durável (sem umidade permanente), mas racha facilmente. É de uso diário como a peroba-de-campos, em construção, tacos, esquadrias, vigas, caibros, carroçaria e carpintaria em geral.

Prunus sellowii Koehne, rosácea. Árvore de uns 10-15 m × 20-40 cm, com folhas oblongo-lanceoladas e acuminadas, flores alvas pequeninas e drupa de 7-10 mm. É peculiar à mata do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, sendo especialmente comum no Paraná e Santa Catarina. Madeira pardo-claro-amarelada ou róseo-amarelado-clara, com veios longitudinais mais sombrios e estrias avermelhadas curtas, lustrosa, lisa, moderadamente dura e pesada, exibindo boa durabilidade em condições favoráveis. Tem-se buscado utilizá-la em laminados, móveis, tacos, dormentes e vigas; está atualmente no comércio desde alguns anos. Há poucas outras espécies semelhantes, difíceis de encontrar e sem importância. *Prunus sphaerocarpa* Sw. era a expressão que se aplicava a esse complexo de entidades muito afins.

80 — PINHEIRINHO

Podocarpus lambertii Klotz., podocarpácea (Conífera), também designada como *pinheiro-bravo* e *pinho-bravo*. Árvore que pode alcançar até 1 m no diâmetro, geralmente arvoreta da submata da floresta atlântica; folhas lineares e duras, flores unissexuadas ordenadas em cones e frutos abertos com sementes de 1 cm (semelhantes a um fruto). Estende-se de Minas Gerais e Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul. Madeira branco-amarelada com manchas algo mais escuras, lisa, leve e macia, fácil de estragar. Potencialmente, pode prescrever-se para carpintaria, compensados, caixotaria, palitos de fósforo, lápis (bastante usada).

Com lenho e empregos iguais, temos a segunda espécie pátria do gênero, *P. sellowii* Klotz., cuja área maior abrange a anterior e mais Mato Grosso, Brasília, Espírito Santo, Sergipe e Pará. Difere do primeiro pelas folhas duas vezes mais amplas e pelos cones masculinos mais alongados e solitários ou em grupos de apenas 2-3.

81 — PINHEIRO-DO-PARANÁ

Araucaria angustifolia (Bert.) O. Ktze., araucariácea (Conífera) antes designada como *A. brasiliana* A. Rich. Árvore usualmente de 20-25 m × 50-90 cm, podendo atingir 50 m × 2,3 m, com pequenas folhas rígidas e flores de sexos separados ordenadas em cones compactos; os pinhões édulos são as sementes. Vive sobretudo no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, entrando na Argentina. É a mais importante das madeiras brasileiras, conquanto pouco durável, em face dos inúmeros empregos na vida quotidiana; é amarelada ou alvacenta, macia, leve e lisa. Indicada para fabricar papel, pois, as "fibras" (traqueídes) chegam a 8,8 mm de comprimento. Cf. *Pinheirinho*, que se mostra afim deste.

82 — PUTUMUJU

Também denominado *araribá* (cf.), *Centrolobium robustum* (Vell.) Mart., leguminosa-fabóidea. Árvore de 30 m × 1 m, com folíolos amplos e ovado-acuminados, flores amarelas vistosas e cúpula provida de larga asa e de longos acúleos na base. Viceja na mata desde o Ceará até o Paraná, sendo comum no sul da Bahia. Madeira de coloração em torno de pardo-avermelhado-rosado, comumente com estrias purpúreas e reflexo alaranjado, brilhante, lisa, pesada, dura, compacta e resistente. Indica-se para construção civil e naval, ebanisteria, móveis finos, tanoaria, obras externas e hidráulicas, tacos, torneados, dormentes etc.

83 — QUARUBA-VERMELHA

Vochysia vismiifolia Warm., voquisiácea. Árvore de 25-30 m × 40-60 cm, com folhas oblongas obtusamente acuminadas e pilosas na face inferior, flores líteas, vistosas e calcaradas e cúpula de 2,5 cm. Observa-se por toda a Hiléia. Madeira pardo-rosada, com manchas mais escuras, algo lustrosa e áspera, razoavelmente pesada, dura e durável, fácil de trabalhar, lembrando o cedro. Indica-se para caixotaria e pequenas embarcações; poderá transformar-se em pasta para papel, e ainda lápis, esquadrias, ripado, engradados etc.

Outra que poderia ser explorada para os mesmos fins é *V. maxima* Ducke, dita *quaruba* ou *cedrorana*, enorme árvore amazônica que conduz folhas mais estreitas e glabras.

O *agrião-cedro*, do sul da Bahia, similar à acima considerada, que alcança 15 m × 2 m de fuste, é uma espécie de *Vochysia* não identificada até agora e de valor apenas local, por ora.

84 — SABIÁ

Mimosa caesalpiniaefolia Benth., leguminosa-mimosóidea. Árvore pequena que anda por uns 7-8 m, geralmente com acúleos nos ramos, folhas bipenadas, flores minutas em espigas cilíndricas e legumes articulados de até 10 cm. Encontra-se espontaneamente do Maranhão à Bahia, na caatinga e capoeiras, mas é muito cultivada também, dado o rápido crescimento e o lenho prestante. Madeira rosa-forte, escurecendo para castanha, uniforme ou algo maculada, brilhante, lisa, pesada, dura, compacta e altamente durável mesmo no solo. Muito importante no Nordeste, sendo empregada para estacas, portas, mourões, dormentes, lenha e carvão. A folhagem constitui valiosa forragem para o gado faminto, especialmente durante a estiagem.

Semelhante ao sabiá é *Mimosa laticifera* Rizz. & Matt., pequena árvore dos cerradões mineiros, menos conhecida; discerne-se pela casca grossa e suberosa e pelo lenho amarelo, ao demais das espigas globosas. Ambas crescem rápida e vigorosamente no Rio de Janeiro, a despeito da umidade muito maior.

N. B. — Estas duas mimosas são as primeiras leguminosas dotadas de látex que se conhecem. Umhas poucas mais foram descobertas nos últimos anos.

85 — SALGUEIRO-VERMELHO

Belangera tomentosa Camb., cunoniácea, também batizada de *salgueiro-do-mato* e *cedro-do-campo*. Árvore mediana em geral (até 15 m × 40 cm), com folhas trifolioladas, os folíolos ovado-oblongos, serreados e vilosos, flores apétalas com numerosos estames e fruto

capsular bivalve de 15 mm. Ocorre copiosamente de Minas Gerais e Rio de Janeiro a São Paulo, sobretudo em capões e matas secas. O lenho é pardo-avermelhado ou castanho-rosado, lembrando o cedro, uniforme, inodoro, liso, compacto, moderadamente pesado, macio ao corte e durável. No interior de Minas, empregam-na para construção e sobretudo dormentes, mas é bastante utilizada na fabricação de lápis, para o que serve especialmente.

Espécie muito semelhante, que viceja nos mesmos Estados, porém, preferindo a floresta, é *B. speciosa* Camb., cujo lenho merece idênticos reparos. Diverge da outra pelas folhas com 5 folíolos bem menores.

Falando em lápis, convém mencionar que atualmente se está empregando a madeira da gigantesca árvore designada como *Cavallinesia arborea* (Willd.) K. Sch., que é o conhecido *embaré* do Espírito Santo e Minas Gerais e a famosa *barriguda* da caatinga. Este nome deriva do grossíssimo tronco ventricoso (até 4 m). O fruto é típico: seco, enorme e ornamentado com várias asas papiráceas; mede até uns 20 cm de comprimento. É fácil de cultivar, porque não só cresce depressa, como ainda “pega de galho” (reproduz-se por estacas ramulares). É uma bombacácea de lenho leve, claro e macio, bom ainda para papel.

86 — SAPUCAIA (Castanha-sapucaia)

Lecythis usitata Miers., lecitidácea. Árvore que mede 30-40 m × 60-180 cm, com folhas ovado-oblongas de margem serreado-crenadas, flores amplas e vistosas e frutos capsulares enormes (25-22 cm), fechados por uma tampa destacável (opérculo). É comum nas matas de várzea do baixo Amazonas. Madeira pardo-alaranjada, com estrias escuras, com o tempo róseo-pardacenta, lisa, pesada, dura, resistente inclusive ao gusano. Muito estimada no Pará para construção, raios de roda, varais de carroça, pontes, vigas etc. As sementes constituem alimento local e fonte de renda por serem exportadas para a Europa, sob a designação de *sapucaia nuts*; são ricas em óleo e amilo.



Sapucaia (*Lecythis pisonis* Camb.), no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, Casca espessa e sulcada

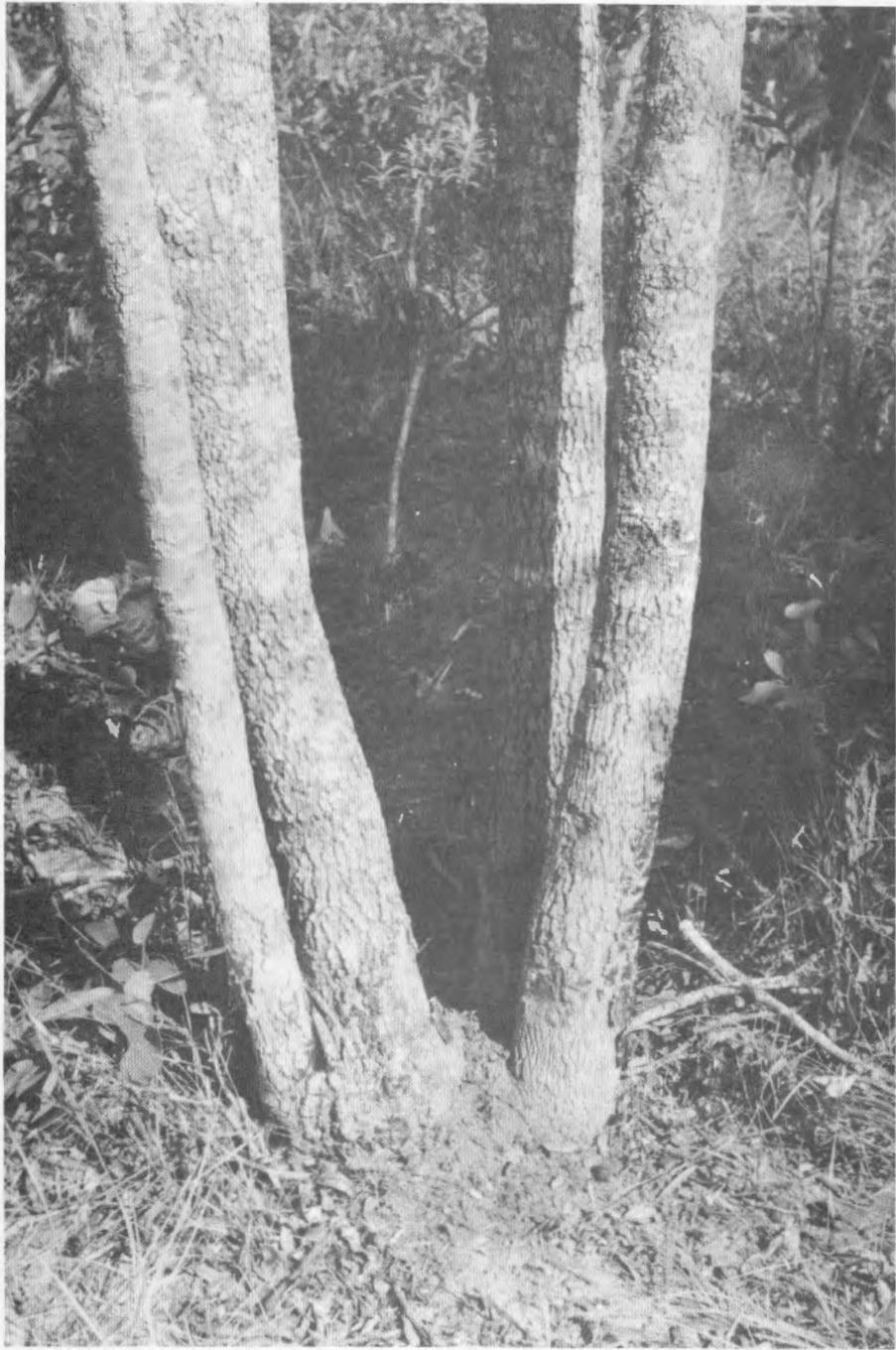
Do Ceará ao Rio de Janeiro, na floresta atlântica, temos outra sapucaia igualmente utilizável: *L. pisonis* Camb., que difere pelo pixídio quase cilíndrico e sem rebordo engrossado na porção mediana externa; o lenho é vermelho-pardacento e preferido para construção civil e naval, obras imersas, dormentes, esteios, vigas, mastros, pontes etc. As sementes são apreciadas localmente pelo sabor delicado.

87 — SAPUPIRA

Bowdichia nitida Spruce, leguminosa-fabóidea. Árvore grande na mata, com folíolos ovado-acuminados, flores vistosas violáceas e legume delgado, subcoriáceo, chegando a 9 cm. Expande-se do Pará ao rio Negro, AM. Madeira pardo-avermelhada, clara ou escura, com inúmeras estrias esbranquiçadas, denotando aspecto fibroso estrelado, lisa, compacta, dura, pesada, resistente ao apodrecimento. É a principal fornecedora de sapupira para o comércio (denominada *sucupira* para o sul); *sebepira* é outro nome lá divulgado. Empregos são: construção civil e naval, obras externas, carpintaria, laminados, móveis, tacos, dormentes, balcões, elevadores e outros.

88 — SEBASTIÃO-DE-ARRUDA

Dalbergia decipularis Rizz. & Matt., leguminosa-fabóidea. Árvore pequena que pode medir até 12 m × 40 cm, com folíolos ovados e pilosos, flores minutas e sâmara de 5 cm. Ocorre no vale do rio Paraguaçu, na Bahia central, em mata seca; vive, porém, também na caatinga circunvizinha, incluindo Itaberaba. Madeira róseo-amarelada ornamentada com lindas listas vermelhas ou mesmo vinhosas, brilhante, lisa, pesada, dura, compacta, muito durável e, quando raspada, exala intenso odor agradável. Belo lenho, objeto de exportação, pouco conhecido no País, especial para fazer móveis luxuosos, objetos decorativos, torneados, marimbás, tacos, pisos e para marchetaria. Onde a extração não é compensadora, usam-na



Sucupira (*Bowdichia virgilioides* H.B.K.) no cerrado de Minas Gerais. Tronco múltiplo por rebrotação de toco após decapitação

como lenha de primeira. Embora seja nativa no centro da Bahia, encontramos lindas colheres de pau, feitas com sebastião-de-arruda, em Congonhas do Campo, MG. Mas o vendedor não sabia do que se tratava, nem tão pouco a origem.

89 — SOBRAJI

Colubrina glandulosa Perk., ramnácea. Conhecida também como *saraguaji* e *sobrasil*; *C. rufa* Reiss. é agora dada como sinônimo. Árvore elegante de cerca de 10-15 m × 40-60 cm, com folhas ovado-oblongas e nervuras salientes, flores inconspícuas e cápsulas minutas triloculares. É freqüente na floresta desde o Ceará até o Rio Grande do Sul, incluindo Goiás e Mato Grosso; fora do Brasil, chega até Cuba. Madeira que do bege-rosado-forte passa a róseo-intenso-alaranjado, uniforme, brilhante, lisa, pesada, dura e incorruptível; parece-se bastante com o pau-brasil, nome que recebe no Paraná, onde é comum, e em São Paulo. Adequada para construção naval, estacas, pontes, mourões, postes, obras externas, dormentes, mas o seu uso é local e regional somente.

Lenho muito parecido é o de *Rhamnidium glabum* Reiss., árvore grande na floresta atlântica carioca (20 m × 40-50 cm), cujas folhas são oblongo-lanceoladas e dotadas de nervação reticulada peculiar, a par dos frutos drupáceos; cresce de Minas Gerais a São Paulo.

90 — SUCUPIRA

Bowdichia virgilioides H. B. K., leguminosa-fabóidea. Árvore pequena ou mediana, que chega a 15 m × 60 cm, semelhante à sapupira (cf.), da qual difere pelos folíolos mais numerosos, oblongos e comumente emarginados. Apresenta ampla dispersão: Amazônia, Brasil Central e Nordeste, saindo do território nacional (Venezuela, e. g.); vulgar no cerrado e observada na mata. Cerne e usos como os da sapupira.

Outra sucupira importante é *Diploptropis incexis* Rizz. & Matt., do norte espiritosantense e sul baiano, árvore de 30 m × 70 cm, distinta de *Bowdichia* pelo estandarte estreito e provido de um apêndice em forma de bolsa de cada lado, junto à base. A madeira é pardo-escuro-amarelada e ornamentada com uma multidão de estrias largas e mais claras.

Próxima desta é *D. purpurea* (Dich.) Amsh. var. *brasiliensis* (Tul.) Ansh., da Hiléia, onde ocupa o 2.º lugar, que é a mais escura de todos estes lenhos.

91 — SUCUPIRA-AMARELA (canjica)

Sweetia fruticosa Spreng., classicamente denominada *Ferreirea spectabilis* Fr. All., leguminosa-fabóidea. Árvore comumente medindo 10-15 m, com folíolos oblongo-obovados e chanfrados no ápice, flores pequeninas e sâmara de 4,5-6 cm. Vai do sul da Bahia a São Paulo, na floresta. Madeira amarelo-dourada, passando a pardo-avermelhada, às vezes com reflexo alaranjado, lisa, de aspecto fibroso, bastante amarga, muito pesada, dura e resistente à putrefação. Utiliza-se em carpintaria, mobiliário, armações, tacos, dormentes, balcões etc., sendo lenho de importância secundária no comércio.

92 — SUMAÚMA

Ceiba pentandra (L.) Gaertn., bombacácea. Enorme árvore que vai até 50 m × 2 m, rodeada de amplas sapopemas, com folhas digitadas, flores de 2,5-3,5 cm e cápsula medindo 10 cm repleta de paina. Dissemina-se do México até a Hiléia, onde é vulgaríssima. Madeira branco-rosada ou pardacenta, leve e macia, pouco resistente. Serve para jangadas, bóias, caixotes, brinquedos e pasta para papel. As sementes cedem até 30% de um óleo utilizável na culinária. A paina, dita *kapok* no comércio internacional, é importante artigo comerciável, mas extraída principalmente em Java, onde a sumaúma é cultivada para isso.



Vegetação amazônica, à margem do rio Pará, Estado do Pará, com sumaúma em primeiro plano (foto IBGE)

93 — TAPINHOÃ

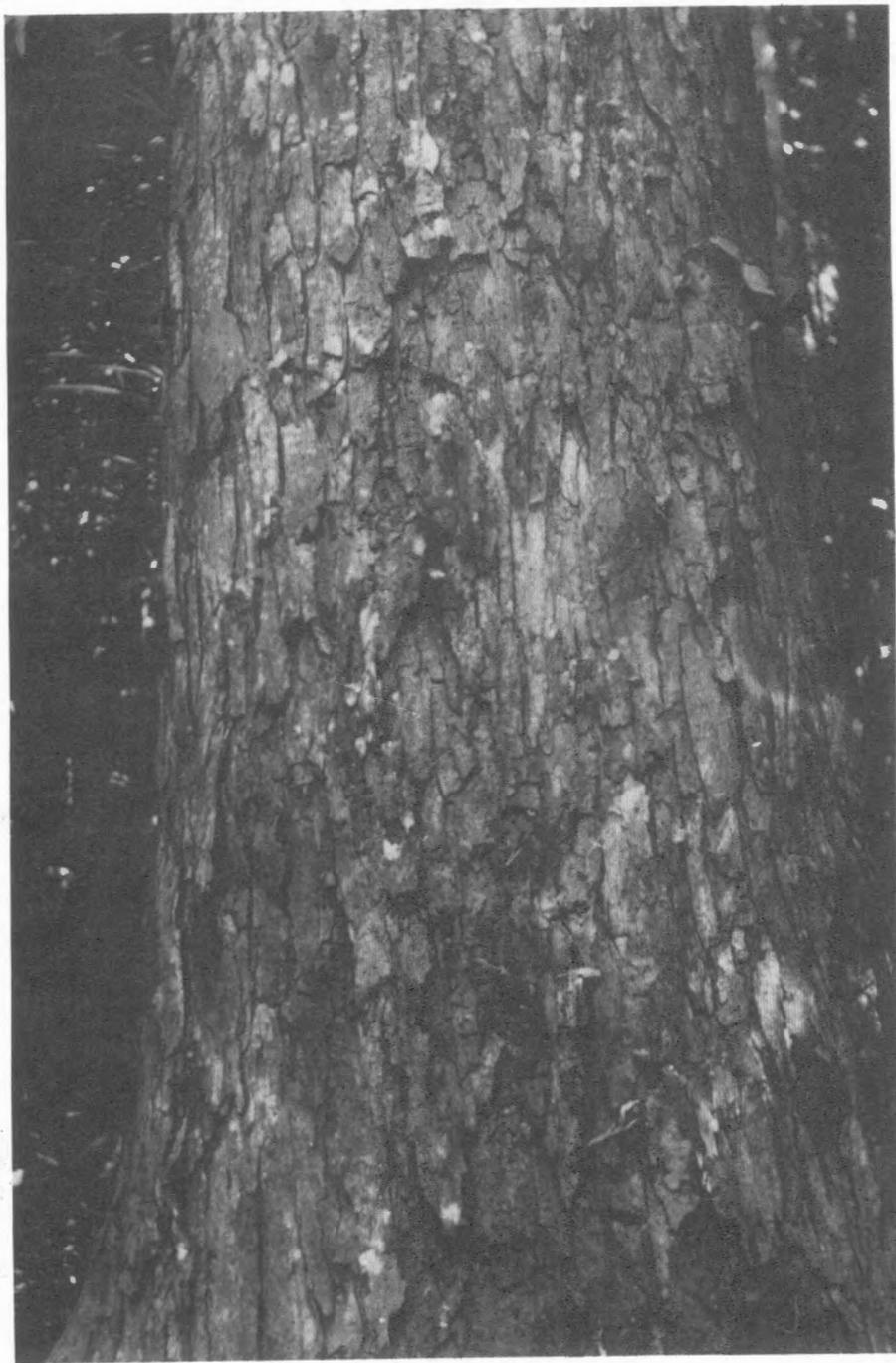
Também *canela-tapinhoã*, é *Mezilaurus navalium* (Fr. All.) Taub., laurácea. Árvore que atinge 25 × 1 m, com folhas oblongo-lanceoladas (até 4 cm de largura), coriáceas, flores minutíssimas e bagas de 2,5-3 cm. Estende-se do Espírito Santo ao Rio de Janeiro, na floresta atlântica. Madeira amarelo-pardacenta, uniforme, áspera, de aspecto oleoso, pesada, dura e extremamente durável. Emprega-se em construções pesadas, móveis e embarcações; a casca é tanífera. Cf. *Itaúba*, com a qual possui parentesco estreito.



Timboúva, *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong, em Luziânia, Goiás (1958)

94 — TIMBOÚVA

Ou *tamboril*, vem a ser *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong, outrora dito *E. timbouva* Mart., leguminosa-mimosóidea. Árvore agigantada e grossa, chegando a 2 m no diâmetro, com folhas penadas, flores pequenas em glomérulos esverdeados e legume enrolado como alça intestinal achatada. É nativa na mata atlântica desde o Ceará até o Uruguai e Paraguai. Madeira pardo-avermelhada, macia, fácil de trabalhar, duradoura. Estimada sobretudo para confeccionar canoas de tronco inteiro, mas é adequada para tabuado e ripado. Os frutos encerram boa quota de saponina hemolítica, razão por que espumam fortemente n'água.



Vinhático (*Plathymenia foliolosa* Benth.), na floresta pluvial de Itaboraí, RJ. Casca descamante em lâminas

Virola surinamensis (Rol.) Warb., miristicácea. Árvore que chega a 35 m × 60-90 cm, com folhas oblongo-lanceoladas, acuminadas, flores mínimas e cápsula globosa de 2-2,5 cm contendo uma semente oleífera. Habita igapós e várzeas do Amazonas e Pará, chegando até Pernambuco na floresta, mas expande-se até as Antilhas e América Central. Madeira branco-amarelada ou bege-rosada, uniforme, com brilho sedoso sob luz favorável, áspera, grosseira, leve, macia, apodrecendo com facilidade. Serve para confeccionar partes internas de móveis, caixas, compensados e particularmente para fabricar pasta destinada à indústria de papel. As sementes cedem uns 60-68% de uma gordura conhecida como *sebo de ucuúba*, cujo odor é agradável e que serve de combustível.

96 — URUCURANA

Hieronyma alchorneoides Fr. All., euforbiácea. Árvore que varia em torno de 25 m × 1 m, com amplas folhas providas de escamas nas duas faces e flores unissexuais inconspícuas. Revela larga dispersão, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, na mata litorânea. Madeira vermelho-pardacenta, clara ou escura, uniforme, dura e um tanto pesada, difícil de cortar e de lascar, e que suporta bem a água, mesmo salgada. Útil para construção, carpintaria, dormentes, postes, pontes, vigas, estacas, carroças, vagões, canoas etc. É o *pequi-de-zoada* do sul da Bahia.

97 — VINHÁTICO

Plathymenia foliolosa Benth., leguminosa-mimosóidea, ou *vinhático-da-mata*. Árvore que atinge 30 m × 1 m, com casca fendida em placas que se soltam na parte superior, folíolos e flores pequenos, e legumes de até 25 × 4,5 cm. Distribui-se desde Pernambuco até o Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo mais freqüen-

te nestes dois Estados. Madeira de amarelo-dourada até pardo-amarelada, com reflexo áureo, uniforme (raro rajada), lustrosa, moderadamente pesada e dura, bastante resistente aos agentes externos. Procurada para construções civis e navais, mobiliário fino, forros, tábuas para assoalho, tacos, portas etc.

Por todo o cerrado encontra-se uma espécie praticamente igual, *P. reticulata* Benth. — denominada *vinhático-do-campo*, *candeia* (Pará e Nordeste) e *paricazinho* (Amapá), que apresenta dimensões bem mais modestas e casca mais grossa e menos destacada do tronco, isto é, mais aderente.

ÍNDICE

Nomes vulgares

Estando as madeiras, no texto, dispostas em ordem alfabética e numeradas, os nomes vulgares adicionais, sinonímicos, que sob cada título foram incluídos, poderão ser procurados no índice subsequente, no qual cada vocábulo vai seguido de um ou mais números indicativos da espécie mencionada no corpo da obra. Exemplo: a indicação "Ibiraúva 20" significa que na madeira n.º 20 (Braúna) se acha citado o nome ibiraúva, seguido de alguma explicação a ele pertinente.

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| Abacate-do-mato 58 | Caboreiba 63 |
| Agrião-cedro 83 | Cabriúva 64 |
| Amarante 73 | Cabriúva-parda 63 |
| Amarelinho 13 | Cabriúva-vermelha 64 |
| Amburana 31 | Camará 23 |
| Amburana-de-cheiro 31 | Cambará 23 |
| Amoreira 62 | Candeia 97 |
| Angélica-do-pará 7 | Canela-amarela 24 |
| Angelim-amargoso 9 | Canela-batalha 24 |
| Angelim-pedra 8-9 | Canela-lajeana 24 |
| Angico 11 | Canela-parda 24-25-26 |
| Angico-amarelo 11 | Canela-preta 24-25 |
| Angico-do-cerrado 11 | Canela-sassafrás 24-26 |
| Araputanga 4 | Canela-tapinhoã 93 |
| Araraíba 14 | Canjica 91 |
| Araribá 82 | Canjiquinha 22 |
| Araribá-rosa 15 | Carapicica 74 |
| Araribá-vermelho 15 | Carvalho 28 |
| Araroba 9 | Carvalho-paulista 28 |
| Areeiro 1 | Castanha-sapucaia 86 |
| Aroeira-do-sertão 16 | Catinga-de-barrão 28 |
| Arruda-vermelha 17 | Catucém 28 |
| Balsa 69 | Caviúna 29 |
| Bacumixá 38 | Cedro-branco 30 |
| Bálsamo 64 | Cedro-do-campo 85 |
| Bacurubu 40 | Cedro-faia 28 |
| Bandarra 40 | Cedro-i 4 |
| Barabu 73 | Cedrorana 83 |
| Barajuba 36 | Cedro-rosa 30 |
| Baráúna 19 | Cedro-vermelho 30 |
| Barriguda 85 | Conduru 60 |
| Beiju-de-coco 54 | Conduru-de-sangue 60 |
| Bico-de-pato 48 | Coração-de-negro 74 |
| Bicuíba 18 | Cumaru-das-caatingas 31 |
| Bicuíba-branca 18 | Cumaru-de-cheiro 31 |
| Cabiúna 47 | Embaré 85 |
| Cabiúna-do-cerrado 47 | Estopeira 53 |

Faveca-vermelha 12
 Faveira 40
 Folha-de-bolo 72
 Fustic 62
 Goiabeira 41
 Grapiapunha 36
 Graúna 20
 Guarabu 73
 Guarapoca 13
 Guarapuvira 39
 Guarataia 41
 Guariúba 62
 Guarucaia 22
 Guatambu 70
 Guatambu-amarelo 42
 Guatambu-branco 42
 Guatambu-vermelho 42
 Ibirapitanga 68
 Ibraúva 20
 Inhaíba-de-rego 44
 Ipê 75
 Ipê-amarelo 45
 Ipê-roxo 45
 Itapicuru 73
 Ivitinga 3
 Jacarandá 47-48
 Jacarandá-do-cerrado 47
 Jacarandá-do-pará 47
 Jacarandá-paulista 48
 Jacarandá-preto 47
 Jangada 77
 Jataí 51
 Jequitibá-branco 53
 Jequitibá-rosa 53
 Jucá 29-68
 Jutai 51
 Louro 24
 Maçaranduba 56 —58
 Macieira 23
 Maparajuba 58
 Marfim 70
 Maria-preta 20
 Mata-cachorro 59
 Matá-matá 44
 Mirueira 37
 Mogno 4
 Mucitaíba 74
 Muirajuba 36
 Muirapinima 60
 Muirapinima-preta 74
 Muirapixuna 22
 Muirataúá 36
 Mutamba 55
 Orabutá 68
 Orelha-de-onça 74

Papariúba 59
 Paraíba 59
 Paricá 11
 Paricazinho 97
 Pau-andrade 56-58
 Pau-branco-louro 67
 Pau-branco-preto 67
 Pau-brasil 89
 Pau-carga 53
 Pau-cetim 66
 Pau-d'arco 45
 Pau-de-balsa 77
 Pau-de-jangada 69-77
 Pau-de-remo 38
 Pau-de-santo 27
 Pau-de-tamanco 21
 Pau-de-viola 21
 Pau-d'óleo 33
 Pau-ferro 29-54-68
 Pau-marfim 71
 Pau-pereira 72
 Pau-rainha 15
 Penanguba 29
 Pequi-de-zoadá 96
 Pequi-merindiba 76
 Pequiá 76
 Pequiá-cetim 66
 Pequiá-da-restinga 42
 Pequiá-marfim 14
 Peroba 75
 Pinheiro-bravo 80
 Pinho-bravo 80
 Pombeira 21
 Pororoca 54
 Quaruba 83
 Quebra-machado 54
 Roxinho 73
 Salgueiro-do-mato 85
 Supupira 87
 Saraguaji 89
 Sassafrás 26
 Sebepira 87
 Sobrasil 89
 Sobro 78
 Sucupira 87
 Sucupira-branca 34
 Tabebuia 21
 Taiúva 62
 Tamboril 93
 Tapaiúna 7
 Tatajuba 62
 Ucuúba-vermelha 18
 Urucuba 18
 Urundeúva 16
 Vinhático-da-mata 97
 Vinhático-do-campo 97
 Violeta 29

Nomes científicos

- Amburana cearensis* Fr. All. 31
Andira araroba Aguiar 9
Apeiba aubiflora Ducke 77
A. tibourbou Aubl. 77
Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr. 36
A. molaris Spruce 36
Arapatiella psilophylla (Harms) Cowan 12
Araucaria angustifolia (Bert.) O. Ktze. 81
A. brasiliana A. Rich. 81
Aspidosperma album (Vahl) R. Ben. 14
A. desmanthum Benth. 14
A. olivaceum M. Arg. 42
A. peroba Fr. All. 78
A. polyneuron M. Arg. 78
A. populifolium A. DC. 42
A. pyricollum M. Arg. 42
A. ramiflorum M. Arg. 42
Astronium fraxinifolium Schott 37
A. lecointei Ducke 61
A. macrocalyx Engl. 37
A. urundeuva (Fr. All.) Engl. 16
Auxemma glaziouviana Taub. 67
A. oncocalyx (Fr. All.) Baill. 67
Balfourodendron riedelianum Engl. 70
Belangeria speciosa Camb. 85
B. tomentosa Camb. 85
Bowdichia nitida Spruce 87
B. virgilioides H.B.K. 90
Brosimum guianense (Aubl.) Huber 60
B. paraense Huber 60
Cabrlea cangerana Sald. 27
C. multijuga C. DC. 27
C. oblongifolia C. DC. 27
Caesalpinia echinata Lam. 68
C. ferrea Mart. 68
Calophyllum brasiliense Camb. 50
Calycophyllum multiflorum Gris. 71
C. spruceanum Benth. 71
Carapa guianensis Aubl. 6
Cariniana brasiliensis Casar. 53
C. estrellensis (Raddi) O. Ktze. 53
C. excelsa Casar. 53
C. legalis (Mart.) O. Ktze. 53
Caryocar barbinerve Miq. 76
C. brasiliense Camb. 76
C. coriaceum Wittm. 76
C. cuneatum Wittm. 76
C. villosum (Aubl.) Pers. 76
Cassia ferruginea Schrad. 22
C. scleroxylon Ducke 22
Cedrela angustifolia S. & Moc. 30
C. fissilis Vell. 30
C. odorata L. 30
Ceiba pentandra (L.) Gaertn. 92
Centrolobium paraense Tul. 15
C. robustum (Vell.) Mart. 82
C. tomentosum Guill. 15
Chlorophora tinctoria (L.) Gaud. 62
Clarisia biflora R. & Pav. 62
C. nitida (Fr. All.) Benth. & Hook 62
C. racemosa R. & Pav. 62
Colubrina glandulosa Perk. 89
Copaifera langsdorffii Desf. 33
C. reticulata Ducke 33
Cordia trichotoma (Vell.) Arrab. 55
Cytharexylon cinereum L. 20
C. mirianthum Cham. 20
C. montevidensis (Spr.) Mold 20
Dalbergia decipularis Rizz. & Matt. 88
D. mischobolium Benth. 47
D. nigra (Vell.) Fr. All. 47
D. spruceana Benth. 47
D. violacea (Vog.) Malme 47
Dialium divaricatum Vahl 54
D. guianense (Aubl.) Sandw. 54
Dicorynea paraensis Benth. 7
D. guianensis Amsh. 7
D. ingens Ducke 7
Diploctropis incexis Rizz. & Matt. 90
D. purpurea (Dich.) Amsh. 90
Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong 94
Eschweilera odora (Poepp.) Miers 44
E. rhodogonoclada Rizz. & Matt. 44
Esenbeckia leiocarpa Engl. 41
Euplassa incana (Klotz.) Johnst 28
Euxylophora paraensis Huber 66
Ferreirea spectabilis Fr. All. 91
Geissospermum laeve (Vell.) Baill. 72
Genipa americana L. 52
G. caruto H.B.K. 52
Goniorrhachis marginata Taub. 73
Hieronyma alchorneoides Fr. All. 96
Hura crepitans L. 1
Hymenaea courbaril L. 51
H. stigonocarpa Mart. 51
H. stilbocarpa Hayne 51
Hymenolobium excelsum Ducke 8
H. petraeum Ducke 8
Lecythis pisonis Camb. 86
L. usitata Miers. 86
Luehea divaricata Mart. 3
L. paniculata Mart. 3

- Machaerium acutifolium* Vog. 48
M. scleroxylon Tul. 29
M. villosum Vog. 48
Manilkara elata (Fr. All.) Monac. 58-65
M. huberi (Ducke) Standl. 58
M. longifolia
M. paraensis
Melanoxylon ~~bra~~ Schott
Mezilaurus itauba (Meissn.) DC.
M. navalium (Fr. All.) Taub. 93
Mimosa caesalpiniaefolia Benth. 84
M. laticifera Rizz. & Matt. 84
Moquinia polymorpha (Less.) DC. 23
Myrocarpus fastigiatus Fr. All. 63
M. frondosus Fr. All. 63
Myroxylon balsamum (L.) Harms 64
M. peruiiferum L. f. 64
Nectandra megapotamica (Spr.) Hassler 24
N. myriantha Meissn. 24
N. puberula Ness 24
N. reticulata (R. & P.) Mez. 24
Ochronia lagopus Sw. 69
O. pyramidale (Cav.) Urb. 69
Ocotea aciphylla (Ness) Mez. 24
O. catharinensis Mez. 24-25
O. porosa (Nees & Mart.) Barroso 43
O. pretiosa (Nees) Mez. 24-26
O. pulchella Mart. 24
O. rigida (H.B.K.) Mez. 24
O. rubra Mez. 56
Paratecoma peroba (Record) Kuhlmann 75
Patagonula americana L. 39
Peltogyne confertiflora (Hayne) Benth. 73
P. discolor Vog. 73
P. lecointei Ducke 73
Persea cordata (Vell.) Mez. 56-58
Phoebe porosa (Nees & Mart.) Mez. 43
Piptadenia cobi Rizz. & Matt. 32
P. colubrina Benth. 49
P. falcata Benth. 11
P. gonoacantha (Mart.) Macbr. 49
P. macrocarpa Benth. 11
P. peregrina (L.) Benth. 11
P. rigida Benth. 11
P. vulgaris Benth. 49
Piptocarpha rotundifolia (Schultz.) Bak. 23
Pithecellobium racemosum Ducke 10
Platycyamus regnellii Benth. 72
Platymiscium trinitatis Benth. 57
P. ulei Harms 57
Podocarpus lambertii Klotz. 80
P. sellowii Klotz. 80
Pouteria ~~sp.~~ 79
Pouteria ~~sp.~~ 9
Pouteria ~~sp.~~ us Benth. 34
P. pubescens Benth. 34
Pterogyne nitens Tul. 5
Raputia alba (Nees & Mart.) Engl. 13
R. magnifica Engl. 13
Rhamnidium glabrum Reiss. 89
Roupala brasiliensis Klotz. 28
R. meisneri Sleumer 28
Schinopsis brasiliensis Engl. 19
Schizolobium parahyba (Vell.) Blake 40
Sickingia glaziovii K. Sch. 15
Simarouba amara Aull. 59
S. versicolor St. Hil. 59
Swartzia euxylophora Rizz. & Matt. 17
S. fasciata Rizz. & Matt. 17
S. flaemingii Raddi 47
Sweetia fruticosa Spreng. 91
Swietenia krukovii Gleas. 4
S. macrophylla King 4
Tabebuia cassinoides (Lam.) DC. 21-59
T. heptaphylla (Vell.) Tol. 45
T. impetiginosa (Mart.) Standl. 45
T. ipe (Mart.) Standl. 45
T. longiflora (Vell.) Bur. DK. Sch. 45
T. serratifolia (Vahl) Nichols. 45
T. vellosi Tol. 45
Torresea acreana Ducke 31
T. cearensis Fr. All. 31
Vanillosmopsis erythropappa (DC.) Schultz. 23
Vataireopsis araroba (Aguiar) Ducke 9
Virola bicuhyba (Schott) Warb. 18
V. gardneri (DC.) Warb. 18
V. officinalis (Mart.) Warb. 18
V. oleifera (Schott) A.C.Sm. 18
V. sebifera Aubl. 18
V. surinamensis (Rol.) Warb. 95
Vochysia maxima Ducke 83
V. vismifolia Warm. 83
Vouacapoua americana Aubl. 2
V. pallidior Ducke 2
Zollernia ilicifolia Vog. 74
Z. paraensis Huber 74